

# convergencia

JUN — 1974 — ANO VII — N.º 70



- **A UNÇÃO DOS ENFERMOS**, página 912  
Frei Antônio Moser, OFM
- **O SERVIÇO RELIGIOSO NO HOSPITAL**, página 922  
Pe. Caetano Vendrame
- **EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELIGIOSA**, página 935  
Pe. Pedro Arrupe, SJ
- **AUXILIAR PASTORAL: QUEM É? QUE FAZ?** página 946  
Irmã Helena Gonçalves

**Diretor-Responsável:**  
Frei Constâncio Nogara

**Redator-Responsável:**  
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:  
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar  
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-  
NEIRO — GB

---

**Assinaturas para 1974:**

---

Brasil, taxa única (via terrestre ou aérea) .	Cr\$ 50,00
Exterior, remessa marítima .....	US\$ 15,00
Avulso .....	Cr\$ 5,00

---

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

---

**Composição:** Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasquez, 25 Rio de Janeiro - GB.

**Impressão:** Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



# SUMÁRIO

EDITORIAL .....	905
INFORME DA CRB .....	907
REFLEXÃO SOBRE A UNÇÃO DOS ENFERMOS, Frei Antônio Moser, OFM .....	912
O SERVIÇO RELIGIOSO NO HOSPITAL, Pe. Calisto Vendrame ..	922
III ENCONTRO DE PASTORAL VOCACIONAL .....	932
EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELIGIOSA, Pe. Pedro Arrupe, SJ ..	935
AUXILIAR PASTORAL: QUEM É? O QUE FAZ?, Irmã Helena Gonçalves .....	946
UMA CONGREGAÇÃO BUSCA SUA EXPERIÊNCIA COMUM DE DEUS	950
ESTATÍSTICA: AS RELIGIOSAS HOJE NA IGREJA, Pe. Alberto Barrios, CMF .....	956
LIVROS NOVOS .....	963

“É especialmente no período da doença que o apelo da transcendência se faz sentir de forma mais



**EDITORIAL**

imperativa.” Doença, sofrimento, morte, não! Nunca foi conversa agradável. Falamos sim, quando se trata de outras pessoas mas sem nos deter. Evitamos sobretudo a palavra morte, pela aversão natural que dela sentimos, ou pelo receio que o simples falar nos aproxime mais dela. Podemos alegar que isto não acontece conosco, pois somos religiosos. Certamente os melhores conhecimentos teológicos, uma atitude mais profunda de fé e de esperança nos fazem mais realistas. Não eliminam porém certo temor, que sempre permanecerá alojado no fundo de nosso coração.

## 2

Constatamos diariamente que a dor, a doença e a morte fazem parte da vida. São companheiros de jornada. Uma ou outra delas amanhece conosco, ou nos alcança durante o dia, ou nos surpreende durante a noite. Qualquer tempo é bom tempo para estes temíveis peregrinos; nunca se anunciam, nunca são convidados e sempre aparecem. Quase diríamos que o homem não tem outro objetivo senão vencer a morte, apesar de saber de antemão que nunca a vencerá; ele se imagina lutando contra alguém fora dele, quando surpreendentemente, a morte vive dentro de nós e se manifestará um dia.

A dor, a doença são prenúncios de nossas limitações ou de um fim. Neste momento se agudiza na vida do homem a interrogação sobre o sentido final de sua existência. Para que estou vivendo? Que significado têm meus gestos e meus esforços? É que acontecerá depois? É um momento em que o homem está particularmente atento a uma palavra de esperança, à qual quer luz que possa iluminar as trevas que se aproximam, ou explicar o sentido de solidão em que pouco a pouco se vai mergulhando. A figura de um Santo Inácio, de um São Francisco nos ocorrem à memória. A dor profunda os levou a redescobrir outro caminho para suas vidas, levou-os não a fugir da caminhada, mas a descobrir para que e para onde caminhavam.

O cristão não vive para a morte mas para a vida. Ele não caminha em encontro do fim, mas em busca da plenitude da vida, apesar de esta plenitude dever ser alcançada através de um momento terrível de angústia. Não fora assim, Cristo teria chegado à Ressurreição de outra forma. Sabendo como será a vida do homem, a Igreja-comunidade acolhe o novo homem com palavras de fé, de esperança, de amor, no momento do batismo. Acompanha-o. No término da jornada está presente, novamente com uma palavra de perdão, de fé,

e sobretudo de esperança, com o sacramento da **Unção dos Enfermos**. A comunidade cristã cercou o momento final de um de seus filhos, com um desvelo e carinho fora do comum, pela consciência que tem da importância do momento.

Neste número de **CONVERGÊNCIA**: **Frei Antônio Moser** apresenta uma bela reflexão sobre o sacramento da Unção dos Enfermos, relevando particularmente os aspectos teológicos, os aspectos pastorais — cada religioso sacerdote ou religiosa missionária — saberão descobrir, dentro das riquezas da renovação litúrgica. Neste sentido, o trabalho do **Pe. Calisto Vendrame**, sobre o serviço religioso no hospital é uma oportuníssima orientação, de como comportar-nos face a um doente. Dentro do tema do Sínodo, publicamos uma excelente conferência do **Pe. Pedro Arrupe**, Geral dos Jesuítas, sobre a evangelização e a vida religiosa. As orientações ali contidas nos parecem de grande alcance e poderão iluminar muitas situações confusas de nosso agir pastoral. Nesta mesma linha, a contribuição da **Irmã Helena Gonçalves**, sobre auxiliar pastoral, esclarece um ponto específico e atual.

Desejando aos leitores de **Convergência** as luzes do Espírito, a CRB aqui fica para servir.

**Frei Constâncio Nogara**

# INFORME

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

### VIII ENCONTRO DE FORMADORES

Pela segunda vez neste ano, a CRB-Nacional realizou um Encontro Nacional para Formadores. Teve lugar em Petrópolis, nos dias 16 a 25 de abril último. Participaram 53 formadores, de 12 Estados, sendo 12 homens e 41 mulheres. Representavam no conjunto 42 Congregações, sendo 7 masculinas e 35 femininas.

Além dos formadores participaram 9 religiosos e religiosas, como coordenadores e assessores do Encontro. Na primeira fase participaram igualmente 15 formandos (noviços, noviças, juniores, estudantes de filosofia e de teologia), de 7 congregações. Vieram para dar um depoimento sobre vida religiosa: como se encontraram eles com a vocação religiosa, como vêem o atual movimento de renovação e que perspectivas vislumbram para o dia de amanhã.

#### **Programa**

A temática seguida no Encontro visava responder às necessidades fundamentais que os formadores sentem em sua missão de orientadores de jovens para a vida religiosa. O Encontro teve três partes ou momentos. A primeira, conhecimento e entrosamento dos participantes. Uma série de depoimentos

de formandos e troca de experiências no campo da formação entre os participantes. Foram os dois primeiros dias.

Seguiram três dias de informações, através de exposições de conferencistas. Entre outros falaram: **Frei Leonardo Boff**: O espírito crítico diante da vida. **Irmã Cleide Barbosa Teixeira**: Psicologia diferencial. **Frei Fernando Figueredo**: Teologia da vocação. **Pe. Tiago Adão Lara**: Valor da pessoa. **Pe. Oscar Mueller**: O processo de maturidade do jovem formando. **Pe. Luciando Mendes de Almeida**: Oração. **Pe. Marcello de Carvalho Azevedo**: Vida religiosa no Brasil e trabalho da CRB.

Após um dia de "deserto" (silêncio-oração), sendo meio de descanso, passou-se para a terceira parte. Aqui os participantes tentaram elaborar uma síntese de todas as informações recebidas. Neste sentido selecionaram-se alguns temas julgados importantes para os presentes, sem menosprezar outros e, a partir dos temas escolhidos, elaborá-los ou descobrir pistas possíveis para o campo da formação. Mesmo se o resultado final não foi plenamente satisfatório, o esforço de análise, de crítica, de síntese foi extraordinariamente proveitoso.

## Temas abordados

1. Vocação como um processo.
2. O que é vida religiosa.
3. Senso crítico.
4. Maturidade.
5. Discernimento comunitário.
6. Missão do religioso.
7. Vida religiosa como sinal e testemunho.
8. A fidelidade na vida religiosa.

O ponto que mais preocupou foi o seguinte: **O que é vida religiosa?** A título de informação transcrevemos este tópico:

“Vida religiosa é: **1.** Uma forma peculiar de vida cristã, que radicaliza em comunidade a experiência de Deus, na busca constante da própria identidade. **2.** Isto se traduz: a) Numa resposta de fé à proposta do mistério do amor gratuito do Pai. b) Vivendo a radicalização do Evangelho, como Igreja. c) Num serviço e numa missão profética. d) Visando a libertação dos homens a partir da realidade concreta em que vivem. e) Seguindo o carisma do fundador. f) Testemunhando os valores do reino, encarnados em Cristo. g) Na consagração total, expressa e vivida no compromisso publicamente assumido diante de Deus e dos homens. h) Realizando assim na vida o mistério pascal.”

**Outra formulação de vida religiosa que o grupo havia aceito fora esta:**

“Entendemos por vida religiosa, à qual queremos servir, como uma forma peculiar de vida cristã, que radicaliza em comunidade a experiência de Deus e que é assumida por um compromisso público, dentro da Igreja e dentro da realidade de cada um de nós.

A consagração religiosa é uma resposta a um dom do Senhor, sendo portanto uma realidade dinâmica, uma atitude de busca e de esforço permanente de identidade e de fidelidade ao Evangelho, segundo o carisma de cada família religiosa e de acordo com as circunstâncias e necessidades do povo de Deus. A partir disto é o normal que a vida religiosa se expresse em múltiplas formas e deva estar num processo contínuo de adaptação e de renovação.

A missão dos religiosos na Igreja, comunidade dos que crêem, exige que signifiquem e realizem de modo singular a comunhão dos irmãos e que, unidos aos bispos, sacerdotes e leigos, se mantenham sempre numa atitude crítica que ajude a toda a Igreja a ser sinal inteligível do dinamismo da caridade. A existência dos consagrados é uma expressão do absoluto que permite relativizar as realidades terrestres.

Na história concreta do Brasil, a missão profética pede aos religiosos anunciar e começar a viver um futuro que se plenificará as mais legítimas aspirações do homem e denunciar as situações de injustiça que a ele se opõem.

Hão de ser sinal e instrumento de libertação integral, e inserindo-se na realidade de cada região, assumindo os valores culturais do povo e partilhando suas dores e esperanças. Assim, com a vida e o serviço, anunciarão corajosamente a PALAVRA e propiciarão o crescimento do Reino.”

O Encontro teve uma avaliação muito positiva pelo espírito fraterno e pela vivência litúrgica que reinaram em todos os dias.

## PREPARAÇÃO DA X ASSEMBLÉIA GERAL DA CRB

Como noticiamos em números anteriores de **Convergência**, a Diretoria e o Executivo Nacionais estão intensamente empenhados na preparação da X Assembléia Geral da CRB, que terá lugar nos dias 23-30 de julho próximo vindouro, no Colégio São Bento, Rua Dom Gerardo, 68, Rio de Janeiro.

Uma das fases mais importantes da preparação é a elaboração dos temas. Neste sentido a Diretoria esteve reunida nos dias 5 e 6 de maio, juntamente com a Equipe Teológica e os Conferencistas, analisando os textos das exposições.

Como se recordam os leitores, o tema da Assembléia será: **Missão Profética do Religioso Hoje**, com quatro

subtítulos. Os três primeiros já estão elaborados: **1. Experiência de Deus e vida religiosa. 2. Consciência crítica do religioso. 3. Limitações nas atuais estruturas da vida religiosa.** O quarto tema: **Novas formas de vida religiosa**, está sendo elaborado, a partir de um vasto questionário enviado a todos os Superiores Maiores do Brasil. Mais de 50% já responderam.

Os quatro temas serão impressos antes do início da Assembléia.

Convidamos a todos os religiosos a se unirem conosco, em suas preces, para que a preparação e realização da Assembléia sejam bem conduzidas e os frutos muito ricos, para o bem da Igreja no Brasil.

## CRIAÇÃO DA SECÇÃO CRB-BRASÍLIA

Depois de vários anos de preparativos, começou a funcionar neste mês de junho a Secção **CRB-Brasília**. Tornava-se indispensável que a CRB tivesse um ponto de referência na Capital da República, por motivos óbvios e ainda mais agora, com a transferência da Nuncia-

tura Apostólica do Rio para Brasília e proximamente a sede da CNBB.

No próximo número de **CONVERGÊNCIA** daremos um noticiário completo da inauguração da sede e da presença dos religiosos e das religiosas na capital do país.

## CONTEMPLATIVAS: ORDEM BENEDITINA NO BRASIL

A Ordem Beneditina tem Mosteiros Confederados de monges e monjas e tem também outros ramos agregados à Ordem. São as Congregações Apostólicas. Esta família confederada da Ordem de São Bento tem um Abade Primaz, que reside em Roma. Não é

Superior Geral mas preside capítulos, coordena reuniões, articula os diversos mosteiros autônomos para tudo o que de comum acordo é assumido como medida geral adotada pelas casas. Representa a Ordem junto à Santa Sé.

Esta Confederação reúne Congregações diversas que são antes Conferências de grupos de Mosteiros autônomos. Por exemplo: Congregação Cassinense, Congregação Inglesa, Congregação Brasileira, Congregação Austríaca, Congregação Solesmense, etc. Atualmente são dezenove e em geral congrega mosteiros da mesma nação. Cada um destes grupos tem um Abade Presidente, que não é Superior Geral mas em âmbito desta conferência preside aos capítulos gerais. É o visitador canônico ordinário.

A **CIMBRA** — Comissão de Intercâmbio Monástico do Brasil, reúne periodicamente os superiores e representantes da comunidade dos Mosteiros masculinos e femininos para uma busca comum de aprofundamento do carisma monástico e de auxílio mútuo no plano de formação, etc.

A Congregação Brasileira agrupa:

- a) Mosteiros de Monges que estão no Brasil desde 1581. São atualmente os Mosteiros de Salvador, Olinda, Rio, São Paulo com algumas casas dependentes. Há um mosteiro dependente em Curitiba, ligado à Congregação da França.
- b) Mosteiros de Monjas. São os seguintes no momento: Abadia de Santa Maria em São Paulo. Fundado em 1911 pelo Mosteiro de Stanbrook, da Inglaterra que recebeu duas vocações bra-

sileiras e enviou-as para o Brasil. Este Mosteiro fundou três outros: Mosteiro de Santa Escolástica, em Buenos Aires, em 1941. Agora pertence à pré-Congregação do Cono Sur. Mosteiro de Nossa Senhora das Graças, em Belo Horizonte. Fundado em 1949 e ereto em abadia e tornando-se autônomo em 1953. Mosteiro de Santa Cruz, em Juiz de Fora. Fundado em 1960 ficando autônomo em 1972.

O Mosteiro de Nossa Senhora das Graças de Belo Horizonte, constituído em Abadia pelo breve pontifício de 1953, tem no momento 40 monjas de votos solenes, sendo 33 em Belo Horizonte, 7 na fundação de Caxambu, MG, 5 junioristas, uma noviça, 6 postulantes e 3 oblatas. Fundou: a) O Mosteiro de Nossa Senhora do Monte, em Olinda, em 1963, hoje Mosteiro autônomo como priorado Conventual. b) O Mosteiro de Maria Mãe de Cristo, de Caxambu, MG, em 1973. É uma casa dependente ou Priorado Claustal.

Além de fundar estes Mosteiros, incorporou: a) O Mosteiro de Nossa Senhora da Glória, de Uberaba, MG, em 1964. Desde 1968, erigido em Abadia. b) O Mosteiro da Virgem, em 1967. Autônomo desde 1971. A Casa de Campos do Jordão não é uma casa autônoma. Está sob a jurisdição de um Abade Presidente. O mesmo se dá com a Casa de João Pessoa, PB.

## NOVAS EDIÇÕES

A CRB-Nacional já publicou em sua coleção VIDA RELIGIOSA, onze pequenos volumes que se encontram hoje espalhados por todas as comunidades religiosas de todo o Brasil. Dando pros-

seguimento a estas publicações comunicamos a todos os religiosos que já se encontram à venda na sede nacional da CRB ou em sua Regional, estes novos lançamentos:

**Volume n.º 9:** VIDA SEGUNDO O ESPÍRITO NAS COMUNIDADES RELIGIOSAS DA AMÉRICA LATINA. Uma reedição do Documento da CLAR. É a quinta edição. Foram tantos os pedidos e tão insistentes que fizemos mais esta edição.

**Volume n.º 12:** O ETERNO PROBLEMA DA FÉ. Autor: Pe. João Batista Libânio, SJ.

**Volume n.º 13:** VOCAÇÃO E CONSAGRAÇÃO. Autor: Irmã Vílma Moreira da Silva, FI.

**Volume n.º 14:** A COMUNIDADE NA SAGRADA ESCRITURA. Autor: Frei Simão Volgt, OFM.

**Volume n.º 15:** VOCAÇÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA. Autor: Abadessa Luzia Ribeiro de Oliveira, OSB.

## OPORTUNIDADES

### Primeira: **II SEMANA INTERNACIONAL DE FILOSOFIA.**

Tema: Realidade Brasileira e Filosofia.  
Santo Tomás de Aquino, São Boaventura, Emanuel Kant e a Filosofia Brasileira. Filosofias Latino-Americanas e Filosofia Mundial. Pesquisa Filosófica e Ensino da Filosofia. Ciências e Filosofias. Filosofia da Educação. Filosofia jurídico-social. Filosofia da Linguagem. Filosofia da Ciência e da Técnica.  
Local: Petrópolis, Rio de Janeiro.  
Data: De 14 a 20 de julho de 1974.  
Para informações: Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos. Caixa Postal, 11.587 — 05.000 São Paulo — SP  
Fones: 260-7850 / 260-7830 / 260-7680.

### Segunda: **CURSO DE FILOSOFIA DA RELIGIÃO.**

Tema: Ateísmo e Teísmo Hoje.  
Curso de especialização. Nível pós-graduação.  
Data: 24 de julho a 14 de setembro de 1974.  
Professores altamente especializados e qualificados.  
Para obtenção de informações detalhadas, de folhetos, de programas, de roteiros, de objetivos, etc. dirigir-se à Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos.  
Caixa Postal, 11.587 — 05.000 São Paulo — SP  
Fones: 260-7850 / 260-7830 / 260-7680.  
Oferece bolsas de estudos de até Cr\$ 7.000,00.

# A UNÇÃO DOS ENFERMOS

Este estudo destina-se aos religiosos e religiosas. Evidentemente não há uma solução intrínseca entre vida religiosa e Unção dos Enfermos. Entretanto, já desde seus primórdios a vida religiosa vem descrita em termos de martírio. Martírio não só no sentido ordinário do termo, de consumação, ainda que lenta, mas sobretudo no seu sentido mais original, que é o de testemunhar. Os religiosos deveriam constituir-se em testemunhos de valores evangélicos que facilmente são obnubilados pelo ritmo de um mundo voltado para si mesmo e hoje sempre mais dessacralizante. Eles deveriam ser um sinal permanente da transitoriedade desse "mundo-que-passa" (1 Cor 7,31) para se transformarem em sinais de um mundo-que-há-de-vir (1). É diante deste mundo futuro que as pessoas gravemente enfermas se encontram.

Muitos religiosos, por serem ao mesmo tempo sacerdotes, não só administram a Unção dos Enfermos, mas freqüentemente se põem sérias

questões sobre ela. Como administrá-la sem tornar-se conivente com uma mentalidade magicista? Como administrá-la sem fazer-se partidário de um sacramentalismo tão ineficaz quanto deseducativo? Qual o sentido desse sacramento, quando na maioria dos casos os enfermos e parentes no máximo "permitem" que ele seja administrado? Como apresentar de modo convincente a importância e o significado da Unção dos Enfermos, que nas mais das vezes ocorre quando nada mais resta a fazer, ou mesmo quando o enfermo deixou de ser enfermo para tornar-se um paciente inerte e incapaz de reagir a favor ou contra?

Muitas religiosas, por sua vez, quer pela presença em hospitais, quer por incumbências de ordem pastoral e catequética, se defrontam com as mesmas questões. O pior é que em geral não se sabe muito bem o que dizer, além de uma afirmação genérica sobre o "conforto", o perdão das faltas e um possível restabelecimento da saúde.

Pela Unção, o enfermo comunga nos sofrimentos de Cristo. Prevê e sente o teor desta comunhão destinada a conduzi-lo a uma vida nova.

É o conforto no momento do maior desconforto.

É o futuro celebrado na esperança.

É a proclamação de uma salvação que ultrapassa as dimensões terrestres.

A Unção dos Enfermos é a revelação de que o homem é incapaz de possuir a própria vida mas está destinado a uma vida em plenitude.

---

Não há dúvida de que um diagnóstico sobre o estado de saúde dos diversos sacramentos colocaria a Unção dos Enfermos no lugar que lhe assegura uma longa e persistente mentalidade popular. A nossa própria ignorância que se esconde por traz de formas estereotipadas de um ritual não seria responsável, ao menos em parte, pela ignorância e pelo desinteresse referentes a esse sacramento? (2). Os poucos parágrafos dedicados pelo Vaticano II (3) pouco contribuíram para remediar a situação.

De antemão deixarei de lado a discussão sobre o tempo oportuno da Unção (4), uma vez que o Vaticano II afirma ser "certamente o momento em que o fiel começa a correr perigo de morte, por motivo de doença ou de idade avançada" (5). Com isso não parece excluída uma interpretação bem ampla do perigo de morte, uma vez que a

praxe da Igreja primitiva fundamenta o que vem perpetuado na liturgia oriental: a Unção se destina pura e simplesmente aos doentes (6).

Também não me deterei em considerações de ordem propriamente litúrgico-pastorais ou catequéticas (7). Restringir-me-ei às reflexões propriamente teológicas, reflexões que indiretamente poderão oferecer subsídios pastorais e catequéticos aos religiosos e religiosas.

Os elementos dessa reflexão se desprendem da tríplice dimensão existente em todos os sacramentos, ou seja: o mistério de Cristo e a salvação que Ele nos oferece; o mistério da Igreja como mediadora dessa salvação; o mistério do homem que precisa e busca a salvação. Por fim procurarei mostrar a multiplicidade dos aspectos que a graça sacramental encerra.

## **1. O MISTÉRIO DO CRISTO QUE VEIO TRAZER A SALVAÇÃO**

### **1.1. Jesus diante dos enfermos**

Um sacramento não pode revelar seu verdadeiro significado se man-

tido no estreito espaço de sua "confeção" ritual. Ele só revela sua riqueza quando colocado num contexto mais amplo, onde apareça li-

gado ao grande e único sacramento de Deus, ou seja, à pessoa de Jesus Cristo. Quem se propusesse a buscar num determinado momento da vida de Jesus a instituição do sacramento com certeza ficaria desiludido. O silêncio dos Evangelhos parece total a esse propósito. E, no entanto, num levantamento despreocupado da atenção dada por Jesus aos doentes, no sentido largo do termo, não tardaria a convencer-nos de que ela ocupa grande parte dos mesmos Evangelhos.

Já desde o episódio da sinagoga de Nazaré (Lc 4,18ss), Jesus deixa claro que o anúncio do Reino está intimamente ligado à uma ação libertadora que vai desde a restituição da vista aos cegos até a cura para os contritos de coração. Os anunciadores da vinda do Reino deverão ser os cegos que vêem, os paralíticos que andam, os mudos que falam, os surdos que ouvem, os leprosos que ficam limpos, os endemoniados que são apaziguados e os mortos que ressuscitam (Mt 11, 4-5; Lc 7, 20-22). O Messias não deveria vir para ser o médico dos que gozam de boa saúde, mas o médico dos que se encontram abalados por toda sorte de enfermidades (Mt 9,12). Ele veio salvar o que parecia perdido (Lc 19,10).

Daí para a frente representantes das mais diversas enfermidades cruzarão continuamente os caminhos de Jesus, num coro de vozes dissonantes, mas que testemunham uma só e mesma miséria humana. Ora eles o encaram esperançosos do fundo de um leito; ora surgem inesperadamente à beira dos caminhos; ora fazem ouvir de longe sua voz

suplicante. O Espírito que o conduz ao deserto para ali dar combate ao inimigo no seu próprio reduto, o impele com força para a multidão dos que se encontram indefesos diante do mesmo inimigo, mas agora já animados de esperanças "porque a fama de Jesus se espalhava por toda a parte" (Lc 4, 1-16). "Uma multidão de pessoas vinha da Judéia, de Jerusalém, e mesmo de Tiro e Sidônia para ouvi-lo e ser curada das suas enfermidades. Todo o povo procurava tocá-lo porque saía dele uma força que os curava a todos" (Lc 6, 17-19).

## 1.2. O sentido dos gestos de Jesus

As curas milagrosas efetuadas por Jesus não querem operar apenas o restabelecimento clínico de todos os que a Ele acorrem. Por mais impressionantes que essas curas possam parecer, elas seriam insignificantes diante do número de doentes. Também não era a compaixão o móvel de seus gestos, ainda que essa se faça por vezes sentir (Mt 30,34). O sentido verdadeiro das intervenções de Jesus não pode ser dissociado da fé exigida (Mt 9,28; Mc 5,36; 9,23). É a fé no Reino de Deus que salva (Mt 9,22 ss; 15,28; Mc 10, 52 ss). Os milagres fazem assim o anúncio profético de um mundo onde não haverá nem dor nem sofrimento.

Os milagres se revestem igualmente de um sentido simbólico: a ligação estreita entre doença e pecado é estabelecida espontaneamente pelo senso religioso do homem. Daí a função terapêutica das intervenções sacerdotais entre os povos primitivos. Ainda que a revelação

bíblica procure precisar essa correlação, desautorizando uma dependência imediata (Jo 9,2ss), ela não a suprime. A doença é um sinal da ira divina contra o mundo pecador (Êx 9,1-12) e um sinal do poder que Satanás mantém sobre os homens (Lc 13,16).

As doenças são dessa forma também para Jesus símbolos do homem marcado por sua condição de pecador: espiritualmente cego, sur-

do ou paralítico. Os milagres, por sua vez, transformam-se numa manifestação da obra salvífica de Deus (Jo 8,4; 35-31) e em sinais de uma cura mais radical que só Deus pode operar (Mc 2, 1-12) (8). A saúde que Jesus restitui não é de ordem biológica somente, mas sobretudo é a saúde em seu sentido original, que abrange o homem todo, em todas as suas dimensões. A saúde que ele oferece é antes a salvação (*salus* = saúde e salvação). É aquele equilíbrio perdido pelo pecado.

## **2. O mistério da Igreja como sacramento do Cristo Salvador**

### **2.1. Os doentes na missão apostólica**

O envio dos Apóstolos para a proclamação da Boa-Nova do Reino vem acompanhado de uma ordem precisa: "Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos e expulsai os demônios (Mt 10,7-8; Lc 9,1-2). "Eles ungiam com óleo a muitos enfermos e os curavam" (Mc 6,13). E quando os setenta e dois voltam triunfantes com os sucessos obtidos, o Mestre os recebe com uma frase significativa: "Vi Satanás cair do céu como um raio" (Lc 10,17-19).

A luta empreendida por Jesus contra o mal em todas as suas manifestações é uma luta que deverá prosseguir em todas as frentes e em todos os tempos. O sucesso neste campo será mesmo um distintivo dos que crêem: "Estes são os milagres que acompanharão os que crêem: expulsarão demônios... imporão as mãos sobre os enfermos e eles ficarão curados" (Mc 16,17-18).

### **2.2. A Igreja ao serviço dos enfermos**

Pelo livro dos Atos vê-se que esses sinais do Reino não se restringiram à vida terrestre de Jesus. As intervenções miraculosas em favor dos enfermos (At 3,1ss; 8,7; 9,32ss; 14,8ss; 28,8ss) bem mostram que a Igreja nascente compreendeu sua missão como um prolongamento da missão salvífica de Cristo e isso no mesmo sentido amplo que Ele lhe dera. Ela não pode passar insensível diante dos que se vêem acometidos pela enfermidade.

Mas é sobretudo no célebre texto de São Tiago que transparece sua preocupação em ir ao encontro dos doentes: "Está alguém enfermo? Chame os sacerdotes da Igreja, e estes façam oração sobre ele, ungiendo-o com óleo em nome do Senhor. A oração o restabelecerá. Se ele cometeu pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessai os vossos pecca-

dos uns aos outros, e orai uns pelos outros para serdes curados" (Tiago 5,14-16).

É dentro desse contexto que deveria ser colocada a Unção dos Enfermos. Não se trata de um gesto isolado e privatista, mas uma manifestação de solidariedade por parte da Igreja toda, e sobretudo da comunidade local, para os que se encontram impossibilitados de frequentá-la. A Unção dos Enfermos não pode ser concebida como uma transação entre um ministro e um "sujeito" do sacramento. Ou ela será um sinal de uma presença sentida de uma Igreja que "sofre quando um dos seus membros sofre" (1 Cor 12,26), ou então ela correrá o risco de transformar-se num mero rito sacramentário.

É por isso mesmo que a Unção dos Enfermos só revelará seu significado mais amplo se a ela precederem e seguirem as orações da comunidade. Ela é a expressão má-

xima de uma Igreja que vai ao encontro dos que a serviram e que agora já não podem vir a ela. A comunicação feita ao sacerdote não deveria ter como finalidade única nem primeira revelar que alguém necessita dos "últimos sacramentos". Ela se dirige ao ministro enquanto responsável ou co-responsável pela comunidade religiosa local.

É certo que tudo isso poderá parecer por demais bucólico tanto porque esse senso comunitário se torna difícil em grandes centros urbanos, como porque nem sempre as enfermidades se processam em ritmo lento. Mas a consciência de um ideal já não seria um questionamento da nossa instalação diante de uma situação de fato e sobretudo um impulso para remediar o que pode ser remediado? O fato de a Unção ser pedida nos últimos momentos não é por si só uma acusação que se volta contra quem deveria criar uma mentalidade diferente?

### **3. O mistério do homem condenado ao sofrimento, à doença e à morte.**

#### **3.1. A doença e a morte podem revelar o homem a si mesmo.**

Biologicamente a trilogia sofrimento, doença, morte, aparece como uma desordem inevitável provocada pelo desequilíbrio das células de um organismo diferenciado. Esse desequilíbrio vai acarretar uma redução do horizonte humano, um isolamento psicossocial que o leva a uma perda progressiva da sua autonomia, até o desenlace final (9).

E contudo, essa explicação está longe de ser satisfatória. A ciência mostra-se incapaz de revelar a verdadeira dimensão dessas manifestações do mal. Elas se constituem em verdadeiros mistérios que jamais deixaram de interrogar os homens. Essa interrogação sem resposta definitiva tanto pode conduzir ao ateísmo, pela constatação do absurdo da vida humana, como pode levar o homem a descobrir na sua fraqueza o sentido mais profundo da sua existência.

A experiência secular da humanidade e a revelação bíblica sempre associaram o sofrimento, a doença e a morte como formas do mal que atinge todos os seres vivos. A revelação aponta o pecado como origem comum de todas elas. É por isso que, se ela vê a missão do Cristo desdobrar-se em direções múltiplas, ela a vê também na luta contra a origem mais radical das formas do mal: o pecado (10).

Se à luz da razão o sofrimento, a doença e a morte aparecem como absurdos e inexplicáveis, à luz da revelação elas aparecem como eventos que revelam o homem a si mesmo, como ser incapaz de possuir a própria vida. Na sua fraqueza, a vida à que aspira com todo o seu ser, se lhe apresenta claramente como um dom inatingível por seus próprios esforços. O sentimento religioso mais primitivo já exprime através de seus mitos essa convicção de que a vida é por demais extraordinária para ser propriedade dos mortais e permanecer em suas mãos. A vida a que o homem aspira quer ser imortal. E é por isso que permanece com dom exclusivo daquele que a tem em abundância (Jo 10, 10) e que é a própria Vida (Is 55, 1-2; Jo 6, 27. 31-41). É na sua fraqueza que o homem mais facilmente descobre o paradoxo que o envolve: destinado a uma vida em plenitude e perene ele não pode atingi-la senão através da morte.

### 3.2. O mistério da fraqueza humana à luz da fraqueza de Cristo.

Entretanto, essa revelação permanece inacessível enquanto o ho-

mem não espalhar sua própria condição humana à luz daquele que veio para assumir nossas enfermidades (Is 53, 4) e dar um sentido tanto à nossa vida, quanto à nossa própria morte. Ele não vem propriamente "explicar" o inexplicável. É no assumir o caminho do homem que Ele lança uma luz sobre esse mistério. Como diz Alioche em **Os Irmãos Karamazov**:

"Não posso explicar o sofrimento e a morte. Eu não os compreendo. Mas existiu um homem chamado Jesus...".

Jesus não só meditou sobre os sofrimentos do seu povo. Não só ouviu os lamentos dos exilados, os gritos de dor dos profetas e salmistas, e os gemidos dos inocentes. Ele quis assumi-los no seu próprio sofrimento que culmina com a morte (11).

Neste particular os Evangelistas não deixam lugar para dúvidas: seus sofrimentos e sua morte representam um gesto supremo de sua liberdade. Ninguém é capaz de tirá-lhe a vida. Só Ele pode dispor da sua vida para entregá-la e cumprir assim a ordem recebida do Pai (Jo 10, 18).

Nesta perspectiva a morte já não surge como uma decomposição lenta e inevitável do organismo, mas como ato pessoal. Ao morrer o homem pode "dispor de sua vida". O que parece absurdo torna-se assim suprema manifestação da própria liberdade, um gesto totalmente livre, o único que o homem poderia fazer (12).

● Crer, neste contexto, é antes de mais nada reconhecer Deus como Senhor da vida e da morte.

● Crer é acolher com alegria o dom divino de uma vida em plenitude.

● Crer é reconhecer a própria impotência, sua própria condição de homem "privado da glória divina" para chegar à vida em Deus.

● Crer é consentir em perder sua vida passageira para aceitar uma vida perene.

● Crer é finalmente "depositar livremente sua vida nas mãos de Deus" (Lc 23,46).

A morte torna-se destarte uma resposta positiva do homem à uma iniciativa prévia e gratuita de Deus. A entrada na vida está, porém, condicionada a um êxodo, ao "deixar tudo" para andar com Deus (13).

#### 4. A graça sacramental da União dos Enfermos (14).

##### 4.1. O verdadeiro problema da Unção

Aparentemente essas reflexões estão longe do seu objetivo, que é o de dar um enfoque teológico à Unção dos Enfermos. Mas não seria a falta de tais "divagações" uma das maiores responsáveis pela pobreza da reflexão teológica a esse respeito e pelo conseqüente fracasso pastoral? Por outro lado, pode parecer que esse enfoque seja por demais unilateral, no sentido de deixar na sombra alguns dos efeitos mais acentuados pela tradição, como o possível restabelecimento da saúde, o perdão das faltas e o conforto espiritual.

Esses elementos não poderão ser esquecidos. Nosso interesse mais imediato, contudo, não se prende a esses efeitos e muito menos à discussão sobre o quando e o como administrar eficazmente esse sacramento. O verdadeiro problema não está neste horizonte. Ele está em descobrir o sentido profundo e último da Unção. Essa não se destina nem a suprir a ineficácia da medicina, nem a suprir o que outro sa-

cramento pode dar. A Unção se destina antes de tudo a alimentar a fé dos enfermos num momento em que essa ameaça esvair-se juntamente com as forças físicas. A Unção quer provocar questões fundamentais que o homem pode se pôr ao longo de toda a vida, mas que se tornam tanto mais agudas e dramáticas num leito de dor.

Qual o sentido da vida? Como ser útil quando cessa a possibilidade de exercer as atividades normais? Que significa ser cristão quando a angústia e a solidão nos assaltam? Em outras palavras: a Unção dos Enfermos destina-se a levar o cristão a uma maturidade de fé tal que ele possa enfrentar os grandes problemas que a vida lhe põe, e juntamente com eles os que o afetam de imediato (15).

Como todo sacramento também este reveste-se de uma tríplice dimensão: passada, presente e futura. A Unção dos Enfermos é um memorial da Paixão de Cristo. Não de uma Paixão que culmina com a morte, mas com o triunfo sobre ela. Se pelo batismo o cristão afirma

querer comungar nos sofrimentos de Cristo, pela Unção ele prevê e sente o teor dessa comunhão destinada a conduzi-lo a uma vida nova (Rom 6,6ss) (16).

É esse memorial que traz consigo "o conforto", justamente nos momentos de maior desconforto. É esse memorial que orienta o cristão para um futuro que virá mais cedo ou mais tarde, mas que deverá ser celebrado na esperança (17). Aqui está o verdadeiro problema da pastoral dos enfermos: como transmitir essa mensagem tão central quanto difícil? (18).

#### 4.2. As graças da Unção dos Enfermos

Depois de termos assinalado o que parece ser o sentido mais fundamental da Unção, deveremos considerar as graças que o acompanham. Essas se encontram claramente expressas nas palavras de S. Tiago: "A fé salvará o enfermo e o Senhor o restabelecerá. Se ele cometeu pecados ser-lhe-ão perdoados" (Tiago 5,15).

Começemos pelo perdão dos pecados, que mereceu uma atenção predominante ao longo da tradição e que continua sendo o elemento central da fórmula: "Por esta santa unção o Senhor te perdoe todos os pecados que cometeste" (19). Persiste nas palavras de S. Tiago um eco das frases tantas vezes repetidas ao longo da vida de Jesus: "Tem confiança... tua fé te salvou" e "Teus pecados estão perdoados".

Dentro da mentalidade neo-testamentária a separação entre corpo e

alma é inconcebível. Por isso mesmo as curas efetuadas por Jesus apontam sempre para a mesma realidade: "para que os homens saibam que o Filho do homem tem na terra o poder de perdoar os pecados" (Mt 9,1-8). Ele não se contenta em curar uma forma visível do mal. Procura saná-lo pela raiz. Ele oferece a salvação no sentido pleno da palavra. Da mesma forma, a Unção dos Enfermos que propicia esse encontro com o Cristo não pode excluir o aspecto do perdão, ainda que não seja esse o sacramento específico do perdão (20).

Mas aqui já nos deparamos com um outro aspecto fundamental: a salvação que a Unção propicia. Não há porque duvidar: como na aurora dos tempos messiânicos a intervenção do Cristo acolhida na fé pode, ocasionalmente, produzir um restabelecimento visível. Embora o termo *egerein* sugira que se trata mais de uma ressurreição (para a eternidade), não podemos sem mais excluir um restabelecimento corporal (12).

Entretanto, o significado deste gesto sacramental vai certamente muito além do restabelecimento corporal. O aspecto propriamente "corporal" da graça sacramental está na configuração do nosso corpo ao de Cristo, que antes assumiu a morte para tornar-se Espírito vivificante (22). Se a salvação prometida abrange o homem em todas as suas dimensões, não há dúvida de que a graça sacramental é destinada antes de tudo ao bem sobrenatural do homem. A ação salvífica do Cristo vai muito além de uma cura clínica.

Da mesma forma a graça da Unção é a salvação no pleno sentido do termo, salvação que só Deus pode proporcionar. É a salvação prometida por Deus a toda a carne, salvação que só se obtém pela fé, mas que por isso mesmo desconhece os limites temporais. Dessa forma a Unção dos Enfermos traduz uma força que repercute sobre o doente desde o presente, mas que não é propriamente deste mundo, porque vai muito além. Assim, sustentado pela força do mesmo Espírito que sustentava o Cristo na sua fraqueza, o cristão sente-se capaz de assumir sua própria impotência, para não esperar senão em Deus. A salvação prometida é aquela que livra o homem para sempre da doença e da morte (23).

### Conclusão

A Unção dos Enfermos não pode ser dissociada da ação de Cristo e dos Apóstolos em favor dos doentes. Através da Unção, a Igreja prolonga e proclama uma salvação que ultrapassa as dimensões terrestres. A fé nos diz que pela Unção é o Cristo morto e ressuscitado que, através da Igreja, vem em socorro dos que sofrem. O Cristo que vem ao encontro do doente é o "anjo de Javé" que o conforta e lhe concede viver o mesmo mistério do sofrimento e da morte em vista de uma vida perene.

É a presença deste Cristo que alenta o cristão num momento decisivo da sua existência. Enquanto a experiência progressiva de uma doença, que pode culminar com a morte, representa por natureza o fim de toda esperança, a presença

do Cristo reforça sua fé, confirma sua esperança, dando-lhe forças para num ato supremo de liberdade entregar sua vida nas mãos do Senhor da Vida. A força do Cristo agirá sempre em vista do bem total do homem. Sua ação pode ser diversificada. Mas o sentido será sempre o mesmo: revelar o homem a si mesmo como ser incapaz de possuir a própria vida, mas destinado a uma vida em plenitude.

Talvez ninguém melhor do que S. Paulo expressou o que tentamos expor até aqui:

"Trazemos sempre em nosso corpo os traços da morte de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste no nosso corpo. Pois sabemos que aquele que ressuscitou Jesus, nos ressuscitará também a nós. É por isso que não desfalecemos. Ainda que em nós se destrua o homem exterior, o interior renova-se de dia para dia. A nossa presente tribulação, momentânea e ligeira, produz em nós um peso eterno de glória incomensurável. Porque não atendemos às coisas que se vêem, mas sim às que não se vêem, pois as coisas que se vêem são temporais e as que não se vêem são eternas. Sabemos, com efeito, que, quando for destruída esta tenda em que vivemos na terra, temos no céu uma casa feita por Deus, uma habitação eterna, que não foi construída por mãos humanas" (2 Cor 4,10-14-16; 5,2).

**Notas  
à página  
seguinte**

## NOTAS

1. BERGERON, R. O., **La fonction eschatologique de la vie religieuse**, em *Vie Com. Rel.*, 1970, pp. 98-116. COMBLIN, J., **A vida religiosa e os sinais do reino**, em *Grande Sinal*, 1970, pp. 200-209.
2. MCMANNS, F. R., **The neglected sacrament of anointing**, *Am. Eccl. Rev.*, 1969, pp. 47-53.
3. LUMEN GENTIUM, n.º 11 e SACROSANCTUM CONCILIUM, n.º 73-75.
4. MCREAVY, L. L., **Unction of the dying? or unction of the sick?**, *Clergy, Rev.*, 1969, pp. 468-473.
5. SACROSANCTUM CONCILIUM, n.º 73.
6. BOURASSA, F., **La grâce sacramentelle de l'Onction des malades**, *Sciences Eccl.*, 1967, p. 43.
7. BERNARD, J. A., **La catequesis de los enfermos en la perspectiva sacramentaria de la unción**, *Sin.*, 1967, pp. 409-443. GANTOY, R., **Le service de la liturgie des malades**, *Paroisse et Liturgie*, 1967, pp. 547-557. URQUIRI, T., **Unción de los enfermos. Reflexiones litúrgico-pastorales a la luz del Concilio Vaticano II**, *Ilustración del Clero*, 1967, pp. 596-607; 559-664; 716-723.
8. Doença-Cura, **Vocabulário de Teologia Bíblica**, Tradução de Frei Simão Voigt, *Vozes*, 1972, col. 244-247. Unção, *idem*, col. 1047-1048.
9. RONSE, H., **La maladie, une notion d'espace**, em *Paroisse et Liturgie*, 1967, p. 579.
10. BOURASSA, F., **La grâce sacramentelle de l'Onction des malades**, *Science et Esprit, Sciences Eccl.*, 1968, p. 37.
11. COUNE, M., **L'Onction des malades. Approches théologiques**, em *Paroisse et Liturgie*, 1967, pp. 561-562.
12. BOURASSA, F., *ibidem*, pp. 40-41.
13. *Idem*, *ibidem*, pp. 40-41; 45-46; 52-53.
14. O notável estudo de BOURASSE, F., **La grâce sacramentelle de l'onction des malades**, *Sciences Eccl.*, 1967, pp. 33-47 e sua continuação em *Science et Esprit*, 1968, pp. 31-58.
15. DELECLOS, F., **Onction des malades et pastorale**, *Paroisse et Liturgie*, 1967, pp. 580-589.
16. COUNE, M., *o. c.*, pp. 571-572.
17. DU ROY, O., **Célébrer la mort dans l'espérance**, em *Bible et Vie Chrétienne*, 1972, pp. 5-17.
18. PIPER, H. C., **Notre incapacité devant la mort. Problème de la pastoral des mourants**, *Presc.*, 1972, n.º 35-47.
19. MCMANNS, F. R., *o. c.*, pp. 49-50.
20. POCHMANN, B., **La pénitence et l'onction des malades**, *Cerf*, Paris 1966.
21. A Vulgata traduz *egerem*, por *allevare*. A *Lumen Gentium*, n.º 11, conserva esta tradução: "ut eos alleviet et salvet".
22. ALSZEGHY, Z., **L'effeto corporale dell'Estrema Unzione**, *Gregorianum*, 1957, pp. 585-406.
23. BOURASSA, F., **La grâce sacramentelle...**, *Science et Esprit*, 1968, pp. 46-52.

Devemos paradoxalmente a um ateu a espiritualização da medicina. Até Freud predominava a concepção biológica da doença. Neurose era simplesmente "doença de nervos" que devia ser curada pela hidroterapia. Seguindo a pista aberta pelo psiquiatra Charcot, Freud conseguiu curar seus pacientes através de técnicas puramente psicológicas, primeiro pela hipnose e depois pela psicanálise.

Alguns discípulos seus chegaram ao exagero de considerar psíquica toda doença. Ao biologismo pré-freudiano opunham um psicologismo não menos extremista. Chegou-se hoje a uma posição média, que reconhece doenças de ordem orgânica, com repercussão psíquica, e doenças psíquicas com suas manifestações orgânicas. É a posição assumida pela medicina psico-somática, que acaba se impondo em todas as faculdades de medicina.

Com esta visão nova, a saúde não pode mais ser definida como o "equilíbrio dos humores" (1) nem propriamente como "ausência de doenças", nem mesmo em termos de "harmonia e equilíbrio com o meio ambiente". Não se distingue mais entre saúde física e saúde psíquica. Fala-se hoje de saúde psico-somática, ou simplesmente, de saúde humana, como sendo o pleno domínio de todos os recursos vitais, físicos e psíquicos. Segue-se daí que toda doença é psico-somática. E assim sendo também a terapia deve ser psico-somática.

**PE. CALISTO VENDRAME**

## **1. Atendimento às necessidades espirituais do paciente**

Explicitando mais o termo "psico-somático", podemos distinguir no homem três níveis de vida:

- ◆ Nível psico-biológico.
- ◆ Nível psico-social.
- ◆ Nível psico-espiritual.

Em cada um destes níveis situam-se tendências fundamentais, comumente chamadas "instintos", por meio das quais se exprime o impulso de desenvolvimento vital global do ser humano. No **plano psico-biológico** temos duas tendências básicas que impulsionam em sentido contrário, mas que no fundo são complementares, à semelhança dos movimentos de sístole e diástole do coração. São a tendência, ou impulso, da **auto-conservação** e o **impulso sexual**.

# **O SERVIÇO RELIGIOSO**

O impulso da auto-conservação leva o homem a defender sua vida individual, fechando-se a tudo o que a possa ameaçar. O impulso sexual, pelo contrário, leva-o para fora de si, na ânsia de comunicar a vida a outros seres. Analogamente, no **plano psico-social** temos duas tendências opostas que se complementam: o impulso da auto-afirmação e o impulso à sociabilidade.

O impulso da auto-afirmação, a tendência a nos impor, a nos fazer valer, é tão importante em nossa vida que Adler não hesita em apontá-la como a determinante de todo o comportamento humano, divergindo nisto do seu mestre Freud que apontara o impulso sexual ou a "libido" como a força mais poderosa do nosso psiquismo. Agindo em sentido oposto do impulso da auto-afirmação, a tendência à sociabilidade leva o homem à comu-

nicação, à comunhão com os outros, em busca de inserção no grupo.

Também no **plano psico-espiritual** temos duas tendências instintivas que nos levam, por um lado, a buscar uma significação do nosso agir dentro da nossa esfera, e por outro nos impulsiona para além do mundo limitado da nossa vida temporal. A primeira tendência podemos denominar de instinto ético, presente em todo homem independentemente de sua atitude religiosa. A segunda costuma-se chamar "instinto da transcendência", a qual também é inata em todo ser humano. De fato ninguém se satisfaz com o que tem e com o que venha a ter. Existe em todo homem uma espécie de fome metafísica que só o Absoluto pode saciar.

Como as outras tendências, esta última também está radicada no próprio ser humano e deve encontrar sua realização, sob pena de repercutir negativamente no maravilhoso, complexo e delicado mecanismo vital. Interessante neste sentido o testemunho do psicólogo e médico terapeuta Carl Gustav Jung: "Entre todos os meus doentes na segunda metade da vida, isto é, tendo mais de 35 anos, não houve um só cujo problema mais profundo não fosse constituído pela questão de sua atitude religiosa. Todos, em última instância, estavam doentes por terem perdido aquilo que uma religião viva sempre deu em todos os tempos a seus adeptos, e nenhum curou-se realmente sem recobrar a atitude religiosa que lhe fosse própria. Isto está claro, não depende absolutamente de adesão a

**NO**

**HOSPITAL**

um credo particular ou de tornar-se membro de uma Igreja" (2).

Ora, o doente que se interna, fica entregue inteiramente ao hospital que se encarrega de lhe dispensar todos os cuidados necessários, não só os de ordem médica, mas também os que são exigidos pelas necessidades básicas do paciente. E entre estas necessidades, encontram-se também as de ordem espiritual e religiosa. A esta mesma conclusão chegou um grupo de trabalho, interconfessional (católicos, protestantes, judeus), composto de médicos, sociólogos, teólogos e pastores, ao todo 15 membros, tendo por presidente o médico Dr. J. C. J. Burkens, conclusão expressa no relatório que emitiram em Amersfoort (Holanda), em 1.º de abril de 1968 (3).

O Grupo de Trabalho constata que hoje já é prática comum contratarem os hospitais, seja confessionais seja neutros, capelães de todas as religiões, para que assumam os cuidados espirituais.

"O hospital deve ter também os cuidados espirituais como parte de seu programa de serviço. Os cuidados bem organizados num hospital não podem ser devidamente realizados, se no conjunto dos seus serviços não forem integrados os cuidados religiosos. É uma opinião científica já comumente aceita que os cuidados espirituais contribuem também para a cura do doente. E isto constitui uma razão a mais para os hospitais darem a seus pacientes os cuidados espirituais". Portanto "a direção do hospital é

corresponsável dos cuidados espirituais e estes cuidados devem ser considerados como um serviço (no sentido funcional) que tem seu lugar ao lado dos outros serviços na organização do hospital" (4).

O fato de enquadrar o Serviço Religioso no organograma da organização hospitalar não significa nenhuma "deminutio capitis", nem representa qualquer obstáculo ao livre exercício da religião. Os ministros do culto podem muito bem depender da administração do hospital quanto ao contrato, à determinação dos horários e rotinas mais apropriados ao ritmo da vida hospitalar, enquanto dependem exclusivamente da hierarquia da respectiva confissão religiosa quanto ao correto exercício do seu ministério, à orientação doutrinária e pastoral, e à celebração litúrgica.

Como exemplo de como vem sendo encarado o serviço religioso nos hospitais, podemos tomar três países bem diversos. A Itália, onde o catolicismo é a religião de estado; os Estados Unidos, onde predomina a religião protestante; o Canadá, onde vivem lado a lado católicos e protestantes.

### 1.1. Na Itália

A lei de 1968, tít. VI, art. 39, determina "Il personale di assistenza religiosa, é costituito dai ministri del culto cattolico per l'assistenza religiosa agli infermi di confessione cattolica. Gli infermi di altre confessioni hanno diritto all'assistenza dei ministri dei rispettivi culti".

A ordenação do serviço de assistência religiosa católica é determinada pelos regulamentos internos dos institutos hospitalares, em entendimento com os Ordinários do lugar.

**“Tutto il personale é tenuto a trasmettere alla direzione sanitaria le richieste di assistenza religiosa a lui rivolte da infermi di qualunque religione. La direzione sanitaria provvede a riperire i ministri di religione diversa dalla cattolica secondo la richiesta dell’infermo. Il relativo onere é a carico dell’ente ospedaliero”** (5).

## 1.2. Nos Estados Unidos

Em 1961, a maior associação de Hospitais do mundo, a “American Hospital Association” publicou uma brochura de 16 páginas com o título “Essentials of a Hospital/Chaplaincy Program”. Este Documento clássico elaborado por um comitê composto de representantes das igrejas protestante, judia e católica, aponta 3 objetivos do serviço de Pastoral num hospital:

1) Assegurar o serviço religioso a todos os pacientes em conformidade com seu credo e seu desejo de “counselling”. 2) Facilitar a coordenação do clero com a equipe terapêutica. 3) Assegurar uma colaboração íntima entre o hospital e todos os grupos religiosos da Comunidade.

Afirma ainda o documento:

“No passado muitos hospitais julgaram desnecessário assegurar um serviço religioso a seus pacientes. Torna-se, contudo, sempre mais

evidente que a saúde espiritual do paciente está intimamente associada à sua saúde física.” “O Capelão deve estar a serviço dos pacientes, das famílias dos pacientes, do pessoal e dos estudantes. Deve cooperar com os médicos e o pessoal residente e assessorar o hospital no seu programa de relações públicas.”

Segundo o documento o candidato deve apresentar no mínimo 960 horas de formação no “clinical pastoral training”.

Em 1967, a “American Hospital Association” reconhece que os programas de serviço de Pastoral constituem parte necessária no cuidado total ao paciente e que capelães qualificados, facilitações adequadas bem como o apoio da administração e do corpo clínico são essenciais para a prestação de um serviço Pastoral eficaz aos pacientes”(6).

A “American Hospital Association” traça, em seguida, um programa de ação em 5 pontos:

1. No plano regional e nacional, despertar o interesse geral para os serviços que os capelães qualificados podem prestar a todo gênero de paciente nos seus hospitais e nos diversos serviços de saúde.

2. Sensibilizar os administradores, durante sua formação, para os aspectos espirituais do cuidado total dos pacientes e para o papel do capelão.

3. Cooperar com as outras associações na promoção do cuidado espiritual dos pacientes.

4. Recolher informações sobre o cuidado espiritual e formar uma

biblioteca atualizada que deve estar à disposição dos membros desejosos de instituir serviços de Pastoral.

5. Assegurar assistência às Associações na formação e no preparo sempre mais aprimorado de capelães (7).

Também a "American Protestant Hospital Association" editou uma brochura em 1962: "Establishing Protestant Chaplaincy Service in Hospitals". Ela exige do Capelão:

1) Três anos de experiência pastoral, após sua ordenação, em outro ministério.

2) Diversos meses de formação no "clinical pastoral training".

3) Certificado de capelão profissional de hospital.

Segundo a "American Protestant Hospital Association" a mais válida experiência atual ensina que um hospital de 100 leitos exige um capelão "full time" e que a cada 150 leitos adicionais são necessários os serviços de mais um capelão "full time".

"No plano administrativo, o capelão ocupa o posto de chefe de serviço e depende do Administrador

do hospital. Ele assiste e participa às reuniões clínicas, tem acesso ao prontuário médico, utiliza a biblioteca médica, e, em geral, deve ter possibilidade de integrar seu ministério no cuidado total do paciente. Como funcionário do hospital, o capelão é pago segundo a escala de salários estabelecida para os outros profissionais de nível de formação e experiência equivalente."

### 1.3. No Canadá

A Association des Hôpitaux de la Province du Québec, em 1968, a Montréal recomenda a seus membros de "considérer le Service de Pastoral au même titre que les autres Services de l'hôpital et de conférer à l'aumônier le statut de chef de Service".

No mesmo ano a Association des Hôpitaux du Canada, assim se pronuncia: "considerando que sempre mais se reconhece que as necessidades espirituais do paciente são essenciais ao seu tratamento total, considerando que o valor dos serviços de Pastoral nos hospitais foi demonstrado com sucesso, a AHC resolve estudar os meios e os métodos a serem adotados para providenciar a esta necessidade (8).

## 2. Psico-terapeuta da transcendência

Do enfoque psico-somático da medicina de hoje e das diversas formas de encarar o serviço religioso em países de sensibilidade espiritual particularmente desenvolvida, resulta que a presença do Capelão, na sua especificidade de orientador

ou guia psico-espiritual, está-se tornando sempre mais necessária à cabeceira do paciente. Esta função distingue-se nitidamente da função do psicólogo e do psicanalista. Ela tem algo da psicoterapia, mas a transcende.

Três são os métodos mais usados em psicoterapia:

◆ **O método sugestivo**, pelo qual o psicoterapeuta se impõe de certo modo, agindo positivamente sobre o paciente para o reanimar e confortar com sua palavra autorizada e persuasiva.

◆ **O método catártico**, que visa ajudar o paciente a esvaziar e libertar seu espírito de tudo o que o oprime.

◆ **O método analítico**, altamente científico, que, por um processo bem elaborado, busca trazer à consciência os conteúdos recalçados no inconsciente, tidos como responsáveis pelas neuroses.

Os dois primeiros métodos, chamados também de “pequena psicoterapia” (9) não são exclusividade de ninguém e talvez ninguém tenha mais chance de ser bem sucedido no seu uso do que o Capelão. A psicoterapia propriamente dita ou analítica, que visa sobretudo ajudar o paciente a esclarecer a complexidade de seus processos psíquicos, desmascarando as causas da neurose e eliminando a tensão, é da competência do psicólogo ou do psicanalista.

Mas há alguma coisa de mais profundo no ser humano. Para muitos é a própria visão do sentido da vida que entra em jogo, o sentido ético da sua atuação no mundo, o sentido metafísico da sua existência e da sua relação com o Absoluto. É especialmente no período da doença que este apelo da transcendência se faz sentir de forma mais imperativa.

O doente sente a necessidade de se reencontrar, de superar conflitos que estão na raiz do seu ser, de conquistar a saúde espiritual e mesmo religiosa, que podemos definir como sendo “um processo único, dinâmico, contínuo, através do qual cada um busca uma maior e mais profunda relação consigo mesmo (10). É no mais profundo de si mesmo, no núcleo do seu ser, que o homem encontra a fonte de energia criadora e restauradora do seu bem-estar total. E neste núcleo ele se encontra a sós com Deus.

Ora, para esta caminhada no encontro de si mesmo e de Deus, ele necessita do “técnico da transcendência”, do “guia psico-espiritual” (11). Na Holanda, além dos capelães das diversas confissões religiosas, há também o “humanista” para atender a esta necessidade metafísica da transcendência para aqueles que não têm religião. Mas o capelão, de qualquer religião, que tenha suficiente cultura e amplitude de visão, pode desempenhar esta missão que escapa à competência do psicólogo.

De modo que “não há nenhuma necessidade de nos identificar com o médico ou com o psicólogo para dar nossa contribuição válida. Nós temos nosso campo que nos pertence e nos oferece uma oportunidade única de abrir novas perspectivas na vida do homem” (12). “**Nous sommes à la veille de comprendre, que la santé religieuse de l'individu est aussi importante de la santé physique et mentale, et qu'il n'est plus nécessaire que tout chacun nous dise ce que nous devons ou ne devons pas faire**” (13).

### 3. Agente do relacionamento humano

Não era raro ouvir em tempos relativamente recentes que o Capelão na organização hospitalar era carta fora do baralho. Tenho a impressão que ele é coringa. De fato, quando os hospitais despertaram para as relações humanas foi justamente ao Capelão que foram pedir conselho e orientação, como à pessoa mais qualificada para estabelecer pontes não somente entre os homens e Deus, o que já não seria pouco, mas também entre pessoas e entre grupos. E os capelães se revelaram excelentes mestres e animadores.

Mais importante ainda do que ensinar, é saber realizar. Os hospitais, à medida que se organizam em empresas complexas e tecnicamente eficientes, sentem a necessidade de um "suplemento de alma" que os torne mais humanos, possibilitando às pessoas sua livre expansão e comunicação e seu melhor relacionamento nos níveis individual, funcional e grupal.

Daí o grande campo que se abre ao Capelão. Ele deverá empenhar-se para que haja relacionamento, para que este relacionamento seja humano e possivelmente cristão. Em primeiro lugar ele mesmo deve ter este relacionamento, com as pessoas e com os grupos, e esforçar-se para que as relações funcionais não percam seu caráter humano e ganhem uma dimensão cristã.

#### 3.1. Relações interpessoais

No relacionamento com as pessoas é sempre o Capelão que deve

ter a iniciativa e suficiente habilidade para superar as dificuldades do primeiro contato. É natural que em face do Capelão, que necessariamente representa uma religião e se supõe solidário com a instituição hospitalar, o paciente tome suas distâncias, fazendo funcionar seus mecanismos de defesa das formas mais diversas, inclusive enveredando imediatamente para o campo religioso por achar que é do interesse do capelão, e impedindo destarte um encontro pessoal mais profundo e enriquecedor. Só uma atitude amigável, gratuita e desinteressada (mesmo sob o ponto de vista da religião), por parte do Capelão pode propiciar um clima de descontração que permite um verdadeiro encontro.

Esta atitude deve exprimir-se na disponibilidade total para acolher o que o interlocutor revela, na capacidade de explicitar e esclarecer a ele a solução que já se encontra em sua consciência, no absoluto respeito da sua liberdade, da sua busca, do seu amadurecimento, sem queimar etapas.

#### 3.2. Relações funcionais

A rigidez das estruturas do hospital, os imperativos de uma medicina sempre mais técnica, a insuficiente formação psicológica do pessoal, especialmente dos médicos, a falta de tempo, por vezes as condições adversas do trabalho, fazem com que as relações funcionais se tornem sempre mais friamente terapêuticas e administrativas, dando

cada um sua atenção ao seu trabalho e não enxergando as pessoas. Para influir nas estruturas hospitalares é preciso estar presente, sentir-se inserido na Comunidade que aí vive e trabalha.

Alguns pensam que para isto seria necessário entrar na organização hospitalar com um "status juridicus" oficial como acontece agora na Itália em força da nova lei hospitalar, ou com título profissional, como médico, enfermeiro ou qualquer outra profissão própria do pessoal que trabalha no hospital. Seria, neste último caso, transferir para o mundo hospitalar a experiência dos padres operários no mundo das fábricas. Sem negar a validade de semelhantes formas de inserção, é certo que, ao menos no Brasil de hoje, o Capelão se insere muito bem na sua qualidade de Capelão mesmo. Tenha ou não tenha o seu "status" reconhecido juridicamente nos hospitais públicos, entre com o seu "hollerith" ou por convênio do Hospital com a Ordem religiosa ou com a Cúria diocesana (os doentes e o pessoal geralmente não conhecem a modalidade da entrada) o Capelão tem sua função bem específica e de suma importância para o bem dos pacientes e da própria instituição hospitalar. O que marca é a qualidade da sua presença, a qual depende exclusivamente dele mesmo. É sua atitude que o insere. É o como ele se faz ver e perceber que determina sua influência.

Para influir beneficentemente nas relações funcionais, o Capelão deve sentir-se profundamente interessado com tudo o que diz respeito ao hos-

pital, aberto a toda a realidade humana que aí se vive. É importante que ele conheça as engrenagens e o funcionamento da máquina hospitalar, que esteja a par do que acontece, de como as pessoas reagem, das correntes de idéias que determinam estas reações, das fontes, canais e linhas de força destas idéias. Não se trata de fofoca sem comprometimento. Trata-se de conhecer pessoas e grupos, trata-se de participar de sucessos e fracassos, trata-se de sentir-se solidário com os viajantes do mesmo navio, trata-se de estar presente e ter nas mãos o contexto vivo onde se quer incarnar a Palavra.

### 3.3. Relações intergrupais

Em toda empresa se formam grupos informais que independem da estrutura empresarial e que, nada obstante, podem ter enorme influência dentro da empresa. Existem outras organizações que agrupam pessoas em comissões e associações mais ou menos ativas que visam a promoção dos associados ou mesmo um serviço a ser prestado à Comunidade. Há ainda grupos de cristãos engajados que pertencem a diversos movimentos hoje atuantes na vida da Igreja, como cursilhistas, encontristas etc., que buscam formas de ação no ambiente de trabalho.

Em todos estes grupos a presença discreta do Capelão pode ser decisiva para o bom andamento do grupo e o bom relacionamento do grupo com o ambiente e com a organização formal.

Mas além da participação em todos estes grupos e movimentos e nos cursos que se programam no Hospital, o Capelão multiplica sua influência se conseguir formar o seu grupo, que se chama **CONSELHO DE PASTORAL**, com elementos representativos das diversas categorias e setores da vida hospitalar. Além de diversificados e representativos, os membros do Conselho de Pastoral devem ser pessoas dotadas de sensibilidade apostólica e de capacidade de liderança.

É no relacionamento interpessoal com pacientes e profissionais, na constante preocupação de estabelecer pontes de relacionamento humano e cristão entre as diversas funções e os diversos grupos formais e informais, é no serviço à Comunidade e à Palavra, que o Capelão vai construindo o Reino e formando a Igreja, que encontrará sua expressão mais alta na celebração consciente e ativa da liturgia.

#### **4. Realização sacerdotal**

A esta altura da nossa exposição poderíamos nos perguntar (como não faltam os que se interrogam), se o Serviço Religioso no hospital pode realizar plenamente o Capelão na sua qualidade de sacerdote ministerial no mundo de hoje.

Se a missão do Sacerdote é prolongar a própria missão do Cristo, podemos afirmar que consagrar a vida sacerdotal no serviço aos doentes é uma forma qualificada de prolongar esta missão. Com efeito, a atenção para com os enfermos ocupou lugar de destaque no quadro de atividades do Cristo. Ele diz

expressamente que veio evangelizar os pobres e curar os enfermos, pois sua atenção está voltada para os marginalizados da sociedade (Lc 4, 18-19).

Sua missão messiânica é reconhecível pelo seu ministério em relação às vítimas da doença. Ele faz os cegos enxergarem, os coxos andarem, os surdos ouvirem. Ele cura os leprosos e ressuscita os mortos (Mt 11,5). Ele mesmo se identifica com os mais necessitados, entre os quais coloca expressamente os doentes: "estive enfermo e viestes visitar-me" (Mt 25, 36-40).

A atividade do Capelão se exerce num ambiente semelhante ao do Cristo, que andava cercado de toda sorte de doentes. Ele percorria cidades e aldeias proclamando a boa nova do Reino e curando toda doença e enfermidade (Mt 9,35). Os 72 discípulos encarregados de preparar sua chegada, tinham ordem de curar os doentes que encontrassem e anunciar ao povo a vinda do Reino (Lc 10,9). Os apóstolos recebem a mesma missão: curar os doentes, ressuscitar os mortos, limpar os leprosos, expulsar os demônios (Mt 10,8).

O cuidado pelos doentes entra em linha prioritária, juntamente com a promoção do pobre, na preocupação do Cristo e da Igreja apostólica que têm por norma colocar-se a serviço dos mais necessitados. Além da linha evangélica de serviço aos mais necessitados, há mais um motivo que torna o apóstolado nos hospitais de hoje sumamente válido e atual.

A Igreja está empenhada mais do que nunca em encarnar a men-

sagem cristã no mundo de hoje empolgado pelas conquistas da ciência e da técnica. Ora os hospitais se transformaram em verdadeiros centros onde o progresso se defronta com o homem, podendo transformar-se em lugar privilegiado do diálogo da Igreja com o mundo.

Aí encontramos toda sorte de pessoas, entre profissionais e pacientes, que ensejam o diálogo entre a fé e a ciência, mas também um diálogo entre religiões. De modo que os hospitais de hoje podem ser considerados como postos avançados, linhas de frente do reino de Cristo, oferecendo um campo imenso à criatividade do Capelão que se sente pessoalmente responsável

pela encarnação da mensagem neste contexto que ele, mais do que ninguém, conhece e vive.

Neste mundo sem sacristia, o Capelão se sente sinal, sacramento, instrumento da presença de Deus, do amor perene do Cristo, do seu conforto, do seu perdão, mensageiro da esperança que não termina no velório. Ele não se sente só autorizado a exercer o ministério segundo o figurino, mas se sente responsável pela encarnação da Palavra, dando uma visão cristã a uma realidade vital, iluminando o sentido e a dimensão espiritual que vem no coração dos acontecimentos. E explicitando a Palavra ele verbaliza sua identidade.

1. Hipócrates.
2. NISE DA SILVEIRA, **Jung, vida e Obra**, Ed. José de Alvaro, Rio de Janeiro, 1971, pp. 142-143.
3. **Rapport en matière de soins spirituels dans les Hôpitaux**, composé par un groupe de travail interconfessionnel, Amersfort, le 1 avril 1968.
4. **Rapport**, o. c.
5. Decreto presidencial, 27 de março 1969, n.º 128, art. 35 coma 4.º — 6.º — G. DAVANZO, **Etica della salute**, Ed. Pio Samaritano, Milano, 1972, p. 411.
6. Statement on Hospital Chaplaincy, 8-10 maio 1967.
7. Statement on Hospital.
8. Vancouver, 1968: "L'Hôpital d'aujourd'hui", Juliet 1970.
9. E. RINGEL, **Psychotérapie au chevet du malade?** in "Présences" 82 (1963) 22.
10. C. ZANETTI, **Orientations en Pastoral Hospitalière**, conferência proferida na Sessão de Formação de Capelães de Hospitais, em Montréal, 24-27 de nov. 1969, p. 7.
11. Termos empregados pelo médico prof. G. Franzini para designar o ministro do culto com suficiente abertura de espírito que o torna capaz de ajudar todo tipo de pessoa, mesmo não religiosa, mas que sente o apelo da transcendência. G. DAVANZO, **Etica della salute**, Ed. Il Pio Sam., Milano, 1972, p. 392.
12. C. ZANETTI, o. c.
13. Idem, *ibidem*.

# III ENCONTRO

---

## PASTORAL VOCACIONAL

**Terceiro Encontro Zonal de Pastoral Vocacional, promovido pelo DEVYM (Departamento de Vocações e Ministérios) da Conferência Episcopal Latino-Americana, realizado de 10 a 16 de março de 1974, em San Miguel, Buenos Aires, Argentina. Participaram representando o Setor Vocacional da CNBB e da CRB, o Pe. Virgílio Uchoa e a Irmã Jeanne Marie Tierny.**

### 1. Objetivos

Prestar um serviço efetivo às Conferências Episcopais e dos Religiosos de cada país para fazer progredir a reflexão teológico-pastoral sobre o problema juvenil e vocacional na América Latina. Além disto, fundamentar a ação pastoral num melhor conhecimento da realidade e preparar oportunamente o II Congresso Latino-Americano de Pastoral das Vocações. Além destes objetivos mais gerais cabe ressaltar outros mais imediatos:

- ◆ Intercâmbio de informações sobre a realidade objetiva e as experiências existentes em âmbito nacional, no campo da Pastoral vocacional.
- ◆ Aprofundamento teológico-pastoral dos problemas, a partir dos dados e informações dos participantes.
- ◆ Elaboração de diretrizes gerais e pistas de trabalho para a estruturação da pastoral vocacional.
- ◆ Avaliação e estudo de organismos adequados para o trabalho vocacional.

## 2. Coordenação

O encontro foi coordenado pelo Pe. Diego Restrepo, secretário executivo do Departamento de Vocações e Ministérios.

## 3. Dinâmica

Foi fundamentalmente ativa, exigindo bastante dos participantes tanto na parte de informações, quanto nas reflexões teológico-pastorais e planejamentos. A técnica empregada, de cunho racional e pedagógico, muito ajudou no resultado dos trabalhos, alternando informações, grupos de estudos, plenários, etc.

## 4. Perspectivas

Após o relato de informações e experiências pelos diversos representantes dos países presentes, chegou-se a alguns pontos fundamentais de convergência. Há uma convergência básica: as fortes repercussões das transformações sócio-política-culturais e religiosas sob as "imagens" dos vocacionados, o que certamente influirá no futuro da pastoral vocacional.

Situações econômicas e políticas instáveis, atomização dos jovens, desagregação da família, urbanização crescente, migrações internas e externas, uma ação diferente de Igreja, enquanto se transforma internamente, com grandes esperanças, e enquanto aprofunda a sua missão profética, são algumas das convergências dos diversos países.

No campo específico da promoção e formação das vocações, apa-

recem as diferentes iniciativas, particularmente centradas em experiências de educação da fé dos jovens, quer em movimentos, quer numa ação engajada e eclesial. As instituições de formação (Seminários, noviciados, etc.) procuram se atualizar e se nota a preocupação de um preparo para uma opção mais lúcida e engajada nos esforços das Igrejas Particulares, a serviço de homens concretos.

Neste particular, sente-se em alguns países um crescente clima de comunhão e participação eclesial, pela presença maior e ativa de leigos, de ministérios qualificados e novos ministérios não ainda institucionalizados.

Diante dos fenômenos e experiências, foi importante a análise capaz de mostrar a inspiração teológica subjacente aos mesmos. Assim se procurou caracterizar: qual o conceito de Igreja, igualmente o conceito de vocação, pastoral vocacional e princípios, que mais influenciam na ação e nas prioridades assumidas. Deste modo se esboçaram os seguintes pontos de referência, em torno dos quais gira a pastoral vocacional:

◆ A pastoral vocacional está em íntima relação com o homem e sua vocação de pessoa.

◆ É também pastoral de comunidades vivas e engajadas.

◆ Exige séria fundamentação teológica.

◆ Atinge os pastores todos, no sentido de que todos são corresponsáveis na promoção e formação das vocações.

◆ Abre-se progressivamente às diferentes iniciativas de promoção dos novos e diversificados ministérios.

◆ Possui dimensões específicas, procurando constantemente explicitá-las.

◆ Relaciona-se necessariamente com o conjunto orgânico da Pastoral em todos os níveis, particularmente no nível nacional.

◆ Necessita de uma dimensão pedagógica própria.

Como exercício conclusivo, os grupos de participantes procuravam pensar, inspirados por um roteiro técnico de planejamento, como seria possível se organizar em torno de análises de realidades, critérios, objetivos, meios e momentos de avaliação. E isto tentando se adaptar

aos organismos nacionais, diocesanos, instituições de formação e perspectivas novas dos ministérios diversificados. Um vasto material de informações foi distribuído durante o encontro e oportunamente tudo isto pode ser utilizado, com as devidas adaptações.

## 5. Avaliação

Foi positiva a participação nesta iniciativa do CELAM. A presença discreta e eficiente do secretário executivo do DEVYM, aliada à dinâmica bem preparada, permitiu um verdadeiro intercâmbio entre os participantes. Além disso cabe ressaltar o clima de fé, otimismo e vivência litúrgica, pelo qual a fraternidade ocasional dos participantes se enriquece na mútua ajuda e comunicação de esforços, em torno de problemas comuns.

# EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELIGIOSA

Este tema toca a essência mesma da vida religiosa, o seu ritmo interno cotidiano e a sua atividade a serviço da Igreja e da humanidade. Tema vasto e de grande interesse que pode servir como preparação **próxima** para o diálogo dos Dezesseis com a Sagrada Congregação para os Religiosos e de preparação **remota** para a reunião do próximo mês dos Superiores Gerais e, posteriormente, para o Sínodo dos Bispos.

Estas páginas não serão um estudo sobre o tema. Querem apenas sugerir algumas considerações preliminares que ajudarão nossa reflexão e nosso diálogo. Mais do que uma consideração **ad extra** sobre atividades e métodos de apostolado, gostaria de fazer uma consideração **ad intra**, que permita um melhor conhecimento e preparação do instrumento (os Institutos religiosos e seus membros) em relação à evangelização.

---

**PE. PEDRO ARRUPE, SJ**

---

Divido estas páginas em três partes: **Primeira.** Como a Igreja no Concílio Vaticano II viu os religiosos em relação à evangelização, isto é, ao ideal da vida religiosa. **Segunda.** Como os outros nos vêem: a hierarquia, os leigos, etc. **Terceira.** Algumas perguntas sobre o futuro de nossos Institutos em relação à evangelização.

## Primeira Parte

### A VIDA RELIGIOSA E A EVANGELIZAÇÃO À LUZ DO CONCÍLIO VATICANO II

O Documento Sinodal de 1973 definiu a evangelização como a “atividade por meio da qual se proclama e se explica o evangelho e se suscita a fé viva dos não-cristãos e alimenta a fé dos cristãos (pregação missionária, atividades catequéticas, homiléticas, etc.)”, Doc. Sin. 1973, página 5.

Se o Concílio Vaticano II afirma que a “Igreja que vive no tempo é, por sua natureza, missionária, uma vez que é, pela missão do Filho e do Espírito Santo que ela, segundo o Plano de Deus Pai, tem a sua origem” (Ad Gentes, 2), e que todo cristão deve ser um evangelizador (Lumen Gentium, 33), é muito fácil deduzir, então, a fortiori, “quanto mais fervorosamente se unirem a Cristo, com uma doação de si que abrange toda a vida, tanto mais se enriquece a vitalidade da Igreja e o apostolado torna-se vigorosamente fecundo” (Perfectae Caritatis, 1). De fato, pela íntima relação entre os religiosos e a evangelização na longa história da Igreja, “os Institutos de vida contemplativa e ativa tiveram até aqui e ainda o têm, uma importantíssima parte na evangelização do mundo” (Ad Gentes, 40). Ao examinar a vida religiosa na sua essência e nas suas características, esta relação aparece com maior clareza.

#### 1. A vida religiosa e a evangelização

A vida religiosa, como tal, é “um estado que se constitui pela profis-

são dos conselhos evangélicos e, embora não pertencendo à estrutura jerárquica da Igreja, pertence todavia firmemente à sua vida e à sua santidade” (Lumen Gentium, 44). Trata-se, portanto, de um estado que tende à perfeição cristã e tende a imitar “mais fielmente a forma de vida que o Filho de Deus abraçou quando veio ao mundo” (LG, 44). Pelos votos se aspira a um total desapego e pela vida comunitária procura-se viver a participação plena (koinonia) dos primeiros cristãos, baseada na caridade evangélica, verdadeiro sinal do cristão e fonte de seu zelo apostólico.

O fim da vida religiosa não é a introspecção nem mesmo o é para a vida contemplativa. O religioso “se dá totalmente a Deus” (LG, 44), “se vincula mais estreitamente ao serviço da Igreja” (LG, 14) e “de todos os homens” (LG, 46). “Toda a vida religiosa dos membros seja compenetrada pelo espírito apostólico e toda a ação apostólica seja animada pelo espírito religioso” (PC, 8).

É claro que a vida religiosa deve ser evangelizadora. Diz o Concílio: “Todos os religiosos, animados de fé íntegra, de caridade para com Deus e o próximo, de amor à cruz e de esperança numa glória futura, difundem em todo o mundo a boa nova de Cristo, de modo que o seu testemunho é manifesto a todos e é glorificado o Pai que está nos céus” (PC, 25). A grande força

evangelizadora do testemunho é evidente. “A profissão dos conselhos evangélicos aparece como um sinal que pode e deve atrair eficazmente todos os membros da Igreja para cumprir com entusiasmo os deveres da vocação cristã” (LG, 44). “Quanto mais se testemunha a vida eterna adquirida pela redenção de Cristo mais se anuncia a futura ressurreição e a glória do reino celeste” (Idem, ibidem).

Os religiosos projetam assim nas diversas partes do mundo a imagem da Igreja e prestam a ela um serviço evidente com a pobreza, a castidade, a obediência, a caridade recíproca, a disponibilidade. Oferecem atualmente elementos de adaptação da mesma Igreja. Tudo isto mostra a oportunidade da vida e do testemunho dos religiosos e, ao mesmo tempo, a responsabilidade que têm diante de todo o povo de Deus. Se seu testemunho se empobrece, desfigurar-se-iam traços salientes da mesma imagem da Igreja (Evangelica Testificatio, 2).

## 2. Os Institutos religiosos e a obra da evangelização

Como “a vida espiritual dos religiosos deve ser consagrada ao bem de toda a Igreja” (LG, 44), os Institutos religiosos, por sua mesma universalidade, são um auxílio característico na obra da evangelização. Universalidade geográfica, sem dúvida, porque se encontram nos países cristãos e não-cristãos; universalidade pastoral porque encontram seguidores de seus carismas em todos os campos da Igreja, “fazendo com que ela (Igreja) esteja bem preparada para toda boa obra” (PC, 1).

A respeito dos Institutos contemplativos, diz o Concílio: “Porque a vida contemplativa interessa à Igreja em sua forma mais plena, é preciso que ela seja constituída em todas as partes onde se formem novas Igrejas” (Ad Gentes, 18). Um dos grandes méritos da vida monástica é, precisamente, a evangelização que realiza pela oração e pelo testemunho. “Os Institutos de vida contemplativa com suas orações, penitências e atribulações, têm a maior importância para a conversão das almas. Convidem-se, pois, os Institutos deste tipo de vida a fundar suas casas em terras de missão, como muitos já o fizeram, para que, vivendo e adaptando-se às tradições autenticamente religiosas dos povos, dêem aos não-cristãos um magnífico testemunho da majestade e da caridade de Deus, como ainda da união que em Cristo se estabelece” (Ad Gentes, 40).

A Igreja pede aos Institutos de vida ativa a mesma presença universal e evangelizadora: “Os Institutos religiosos que trabalham para a **plantatio Ecclesiae**, possuindo em si os místicos tesouros de que é rica esta tradição religiosa da Igreja, devem esforçar-se para trazê-los à luz tornando-os um dom conforme a natureza e o gênio de cada nação” (Ad Gentes, 18). Pelo imenso trabalho de evangelização em todo o mundo, “os Institutos religiosos tornam-se absolutamente necessários” (Ad Gentes, 27).

O Concílio, falando da construção da comunidade internacional, afirma: “Para conseguir o bem comum universal, as instituições internacionais devem, cada uma con-

forme sua natureza, prover às diversas necessidades dos homens, tanto no campo da vida social a que pertencem: alimentação, saúde, educação, trabalho, como em circunstâncias particulares que surgem aqui e ali, naquele estilo que pedem as modernas exigências do crescimento geral dos países em via de desenvolvimento, como sejam: a necessidade de socorrer as angústias dos refugiados em qualquer parte do mundo ou ajudar os emigrantes e suas famílias” (Gaudium et Spes, 84). Quem não vê que os religiosos têm nestes campos, que são próprios de sua vocação, um papel específico a desenvolver?

Para prestar um serviço melhor à Igreja universal, alguns Institutos religiosos são isentos. “Para que se providencie, da maneira melhor possível, às necessidades de todo o rebanho do Senhor, cada Instituto de perfeição e todos os seus membros, podem, pelo Romano Pontífice, pelo seu primado em toda a Igreja e pela comum utilidade, serem isentos da jurisdição do Ordinário do lugar e estarem submetidos somente a ele” (LG, 45). Fazendo alusão a esta disponibilidade dos religiosos, Paulo VI falou assim a um grupo de Superiores Gerais: “Os religiosos, sempre e em toda parte, estão sujeitos antes de tudo, à autoridade do Pontífice Romano, porque é ele o Superior Supremo. Os Institutos religiosos, por isso, estão à disposição do Pontífice Romano para todos os trabalhos que se referem ao bem da Igreja Universal” (AAS, 1964, pp. 570-571).

Em razão deste serviço universal, os Institutos religiosos, pela sua presença em tantos países, podem

se beneficiar de uma visão universal de toda a Igreja, e podem realizar uma planificação missionária mais vasta, que supera os limites das dioceses e das mesmas conferências episcopais; podem dispor de meios para organizar obras interdiocesanas e internacionais, seja diretamente evangélicas, seja culturais e educativas, etc., dada a mobilidade de seus elementos, cujos talentos são empregados onde podem prestar maior serviço. Os religiosos contam nas suas fileiras elementos de países e raças de tal maneira diversos que podem contribuir eficazmente para a recíproca compreensão e conhecimento das raças, povos e nações.

A verdadeira eficácia exige, portanto, **incarnação** nas Igrejas locais e uma colaboração decisiva na pastoral de conjunto. “Os membros dos Institutos ao cumprir, segundo o seu especial gênero de vida, o dever para com a Igreja, devem, de conformidade com as leis canônicas, prestar reverência e obediência aos bispos para a necessária unidade e concórdia no trabalho apostólico” (LG, 45). A eficácia é proporcional à capacidade de adaptação ao plano apostólico, à flexibilidade apostólica e à abertura mesma da vida religiosa.

### 3. O religioso e a evangelização

Se considerarmos o religioso **ideal**, podemos, sem nos valer de triunfalismo, dizer que a figura e a vida do religioso correspondem à evangelização do mundo atual. O mundo de hoje tem necessidade de Deus, embora nas suas palavras e expressões fale da morte de Deus.

Tem necessidade de valores de uma ordem superior, porque o materialismo o sufoca e o torna escravo. Tem necessidade de modelos de vida que dêem um sentido à sua existência e uma utilidade às suas energias. Tem necessidade, afinal, de homens empenhados em quem possa confiar e que saibam dirigi-lo na busca inquietada da paz e da convivência humana. E os religiosos, quando o são realmente, satisfazem a esta esperança do mundo porque se esforçam por ser homens de Deus até as últimas conseqüências. Alimentam e vivem da espiritualidade evangélica que querem levar à perfeição com a prática dos conselhos evangélicos na sua vida cotidiana, embora escondida. Pregam com as palavras e com o testemunho a sabedoria das bem-aventuranças e os valores escatológicos superiores opostos àqueles de um mundo materialista. Oferecem nos seus carismas, autênticos modelos de vida superior, interiormente livres das escravidões do mundo moderno. Cobrem uma ampla faixa de santidade na Igreja. São guias evangélicos em quem os homens podem confiar.

Quando são fiéis à própria vocação e ao carisma específico, os religiosos tornam-se aptos, de maneira extraordinária, para ajudar o mundo atual em seus profundos problemas humanos, pelo mesmo fato de sempre estarem disponíveis para o serviço e tenderem sempre a ser homens interiormente livres, cultivando positivamente o desapego, opondo-se à sociedade de consumo, com a vantagem de estarem sempre prontos, vivendo pobremen-

te, sem depender da família "sine patre, sine matre, sine genealogia" (Heb 7, 3), sem moradia fixa, como verdadeiros "cives mundi".

Seu empenho desinteressado, por força do voto de pobreza, opõe-se à sociedade industrial, que se baseia no lucro e na vantagem. Nada buscam para si individualmente, mas para a comunidade a que pertencem ou para as obras apostólicas. O esforço para ser moral e administrativamente íntegros, movidos apenas pela lei interior da própria consciência se vincula ao coração.

Os religiosos estão bem persuadidos de que "se o grão não cair na terra e apodrecer, permanecerá sozinho" (Jo 12, 24) e que somente movidos pelo amor e pela caridade até o sacrifício, "ninguém dá provas de amor maior do que aquele que se sacrifica pelos amigos" (Jo 15, 13) poderão chegar à disposição interior fundamental que os torna realmente capazes de ser úteis ao mundo.

Eis o que torna o religioso um evangelizador qualificado. A sua eficácia será proporcional à autêntica realização dos ideais expressos no próprio carisma. Esta idéia foi bem sublinhada por Paulo VI na alocução de encerramento do Concílio: "Religiosos, vós prestareis o maior serviço à Igreja na medida em que fordes fiéis aos vossos carismas fundamentais" (7 de dezembro de 1965).

Desçamos agora deste ideal do religioso à realidade concreta da vida religiosa como aparece no mundo de hoje.

#### 4. O estado atual dos Institutos religiosos

Chegados a este ponto, precisamos refletir com serenidade porque, se é verdade que a vida religiosa como tal e os próprios religiosos têm um ideal, meio muito eficaz de evangelização quando se realiza de modo autêntico e compreensível ao homem moderno, é igualmente certo que se este ideal diminui na sua concepção, ou no seu espírito, ou na sua realização externa, torna-se um obstáculo considerável, talvez o maior, na evangelização do mundo. *Corruptio optimi pessima*.

O homem moderno não se deixa comover tanto pelas palavras e pelas doutrinas teóricas mas pelo testemunho de vida e dos fatos. Precisamente por isso, é importante examinar se a nossa vida e as nossas atividades são um verdadeiro testemunho.

Muitos, hoje, tem da Igreja, a idéia de uma instituição poderosa, rica, comprometida com a política, alinhada com o poder e a riqueza. Outros falam de uma Igreja que freia a ciência e o desenvolvimento do progresso humano, ou de uma Igreja que não traz nada de útil ao homem moderno, cujo ideal é dinheiro e prazer. Tais preconceitos relativos à Igreja podem ser desmentidos ou corrigidos somente com fatos e exemplos de vida que demonstrem claramente o contrário.

Temos de reconhecer que a impressão de uma Igreja rica e que goza de grandes privilégios, ao menos em parte, é fruto da vida e das atividades dos religiosos, com suas

casas, suas propriedades, privilégios etc., vistos pelos olhos do homem moderno que sofre tantas injustiças e pobreza e interpretados como um contra-testemunho, para aquilo que os homens esperavam, ou uma contradição ao que pregam os religiosos. Muitas de nossas atividades apostólicas, a pobreza real de tantos religiosos exemplares etc. não são focalizados e até mal interpretados. Isto sucederá sempre. Nosso empenho não é exatamente demonstrar e exhibir nossas vidas exemplares e nossas virtudes, mas é igualmente verdadeiro que temos de proceder de modo que nossas vidas autenticamente evangélicas e as nossas atividades se expressem numa linguagem compreensível ao homem moderno e que lhe sejam de auxílio e garantia que o mundo não lhe pode dar.

Daqui o primeiro passo para discernir o valor atual da vida religiosa e das suas atividades na evangelização do mundo: um exame de consciência sincero de nossa vida: critérios, prioridades, atividades etc. É o próprio Concílio quem nos convida a esta reflexão. "Os Institutos de vida ativa devem com toda sinceridade perguntar-se diante de Deus se os seus membros participam, de acordo com as próprias forças, na atividade missionária; se o seu sistema de vida constitui um testemunho do evangelho correspondente ao caráter e à condição do povo" (Ad Gentes, 40). Pela sua obrigação especial de refletir a santidade da Igreja, a imagem que os religiosos apresentam de si é para eles motivo de extrema responsabilidade.

Cada um saberá quais os pontos a examinar, quais as perguntas a levantar. Apenas para introduzir a reflexão, sugiro algumas perguntas.

— Reduzimos ou diminuimos os ideais evangélicos com nossa imperfeição, tibieza, temor, falta de coragem para exigir de nós ou dos outros tudo aquilo que tais ideais implicam?

— Somos profundamente convictos da necessidade da oração (experiência de Deus) para cada evangelizador? Aparecemos, porque realmente o somos, homens de oração?

— Oferecemos verdadeiro testemunho daquilo que temos de oferecer, com nossa obediência à Igreja e à hierarquia, com nossa pobreza autêntica, com nossa castidade que dá credibilidade ao nosso celibato, com uma vida comunitária que realiza união e solidariedade na caridade?

— Nossas prioridades apostólicas correspondem às necessidades do mundo de hoje?

— Procuramos conservar mais o prestígio do Instituto (grandes obras, influência sobre os ricos, etc.) em lugar de prestar um real serviço de evangelização? Que imagem projetamos: a imagem do poder ou a imagem do serviço?

— Temos medo de perder aquelas amizades que nos impedem uma verdadeira ação apostólica e a pregação de uma autêntica crítica evangélica?

— Deixamo-nos arrastar, de um lado, pelas correntes atuais do secularismo, e de outro, pelas exi-

gências da sociedade de consumo? Somos escravos de sua propaganda, perdendo assim nossa plena disponibilidade?

— Em que manifestamos, em sentido positivo, nosso profetismo, neste momento histórico? Na radicalidade de nossa vida, na criatividade apostólica, na eficácia de uma válida crítica evangélica?

— Fomentamos em nossas comunidades o universalismo, superando o nacionalismo, o regionalismo e qualquer outro complexo de superioridade ocidental?

— Pelo que se refere ao pessoal e aos meios econômicos, damos aos países de missão ou do Terceiro Mundo o lugar que merecem?

— Realizamos com meios eficazes a "indigenização" das nossas obras no Terceiro Mundo? Confiamos suficientemente aos membros autóctones sua direção? Julgamos as situações destes países com nossos critérios ocidentais ou nos deixamos influenciar pelo complexo de superioridade frente a nossos países desenvolvidos ou de grande conforto?

Para aprofundar mais este tema e nos conhecer melhor no momento atual, seria bom considerar:

Em que erros poderia incidir um Superior Geral, levado pela aparência do bem? Qual é a impressão que, sob a aparência do bem, **sub angelo lucis**, se apresenta hoje aos Superiores Gerais, a evangelização?

1. Debaixo de um véu de aparente prudência, a indecisão na atitude pode gerar a tensão dialética

entre: a) Carisma e instituição. b) Governar suaviter e fortiter. c) Centralização e subsidiariedade. d) Criatividade inovadora e adaptação passiva. e) Cura personalis e planificação eficaz. f) Pobreza e eficácia apostólica.

2. Debaixo do pretexto de fomentar iniciativas, uma excessiva permissividade, laissez-faire.

3. Com o pretexto de conservar o Instituto, cair no imobilismo.

4. Com a desculpa de abrir caminhos para o diálogo ou de fomentá-lo, não exercer a autoridade.

5. Com a desculpa da eficácia e da rapidez, ocupar-se só de coisas mais urgentes e pessoais com prejuízo da reflexão e da planificação.

6. Contentando-se com a ortodoxia não atingir a ortopraxis, a falta de eficácia, construir projetos que não são executáveis.

7. Com o aparente motivo de favorecer a eficácia e a solidez apostólica desinteressar-se dos membros autóctones do Instituto, ou pelo contrário, favorecer a todo custo a indigenização, como se o fato de ser autóctone fosse suficiente para tudo, também quando faltam outras qualidades necessárias.

## Segunda Parte

### COMO OS OUTROS NOS VÊEM: A JERARQUIA, OS LEIGOS, ETC.

#### I. A jerarquia

Muitos membros da jerarquia manifestam reservas a respeito da atual vida religiosa e mostram falta de confiança nos Institutos como tais, embora manifestem confiança nos membros individualmente. Lamentam de um progressismo excessivo, seja teológico, seja cultural (é um lamento sobretudo de países de missão), progressismo que se manifesta com a pregação oral e escrita, na direção dos leigos e que se torna causa de inquietação e de divisões, seja entre os mesmos religiosos, seja entre as fileiras dos leigos.

Lamentam a secularização de não poucos religiosos e das rebeliões de alguns que acabam sendo contestadores.

Lamentam da falta de pobreza dos religiosos (os religiosos têm o voto de pobreza mas o clero diocesano é quem o pratica) que se manifesta no poder maior, num complexo de superioridade relativo ao clero diocesano e numa possibilidade de obter auxílios econômicos, o que causa, algumas vezes, desvios e atrasos nos planos de apostolado diocesanos.

Diante destes fenômenos recriminam a fraqueza dos superiores e acusam a sua facilidade em deixar introduzir o laissez-faire.

Temem que os religiosos cheguem, às vezes, a formar uma Igreja na Igreja e que não se insiram suficientemente nem colaborem com as Igrejas locais; que cheguem a

promover nas suas dioceses uma espiritualidade nacional ou religiosa, imposta, alheia e estranha, muitas vezes, à região e aos mesmos fiéis.

## 2. Os leigos

Embora reconhecendo o valor do trabalho dos religiosos, os leigos têm, muitas vezes, a impressão de que os religiosos dão provas de egoísmo, de ingenuidade imatura, que não é sinônimo de simplicidade, e, frequentemente, de grande irresponsabilidade especialmente no uso do dinheiro e no modo de administrá-lo ou de conduzir as nossas obras.

Outras vezes, os leigos sentem que são tratados pelos religiosos como inferiores, como se os religiosos fossem dominados por um complexo de superioridade. Frequentemente lamentam o mau exemplo que recebem de alguns religiosos pela falta de pobreza, pelas atividades políticas, pela leviandade em matéria de castidade, etc.

Recriminam-nos porque não os entendemos nem lhes oferecemos o que esperam de nós. De um lado, a espiritualidade e o ensinamento e prática religiosa e moral que lhes damos são, com freqüência, desencarnados e pouco ajudam a resolver os múltiplos problemas que têm ou a enfrentar responsabilmente as situações difíceis que encontram no exercício da profissão ou na convivência social. De outro lado, recebem às vezes conselhos e orientações meramente teóricos ou pura-

mente ideológicos, políticos ou técnicos, em lugar do testemunho evangélico de que tanto necessitam para impregnar de sentido e de inspiração a própria vida e as próprias ações. Sendo assim, não nos vêem empenhados em suas dificuldades nem nos sentem afinados na busca da verdade, mas nos vêem alheios, transmitindo-lhes, de nossa torre de marfim, orientações e soluções muito teóricas e abstratas.

A juventude sobretudo, na grande maioria nos considera como um gueto fechado. Ela nos observa com indiferença, porque não nos compreende. Falamos outra linguagem. As idéias que apresentamos não têm o mordente e a radicalidade que inconscientemente procuram. Não temos a ousadia de apresentar-lhes o evangelho até as suas últimas conseqüências, quando é exatamente o que desejam de nós. Os nossos símbolos, a nossa escala de valores, as nossas prioridades, as nossas estruturas mentais parecem pertencer a outro mundo irreal e arcaico.

O que fazemos para nos aproximar evangelicamente deste mundo que não nos entende? Até que ponto suas críticas são exatas e justas? Até que ponto somos motivo para sua indiferença com respeito a nossa pessoa?

Reflitamos sobre o que há de verdade nestas impressões para poder corrigi-las e procuremos reproduzir em nossa vida exemplar o ideal que consideramos na primeira parte deste trabalho.

## Terceira Parte

### O FUTURO DA VIDA RELIGIOSA

Não é preciso fazer futurologia nem exercitar o profetismo. Somente Deus sabe e conhece com exatidão o futuro. Somente ele o tem entre as mãos. Somos conduzidos pela sua providência e solicitude paterna, "seus imperscrutáveis desígnios" (Rom 11, 33).

Nada nos impede, todavia, de refletir sobre nosso futuro apostólico. O futuro, como um tecido maravilhoso se constrói com a nossa colaboração ao plano de Deus e com o uso de nossa liberdade, elementos que formam de maneira misteriosa a trama da história do homem concreto e de toda a humanidade.

A providência guia o mundo e o homem e este, elevado à condição de filho de Deus, manipula meios naturais e sobrenaturais, através de princípios e leis de permanente eficácia. Tais princípios, leis e meios devem ser continuamente interpretados e adaptados às circunstâncias contingentes e mutáveis de uma Igreja peregrina e de uma humanidade que avança para sua meta.

Por isso, todo nosso esforço para compreender melhor estes meios e estas leis divinas e humanas, para adaptá-las melhor e, em alguns casos, redescobri-los de algum modo, no momento presente, é de grande valor, poder, tanto quanto possível, orientar e dirigir a evolução dos nossos Institutos para a maior eficácia evangélica.

Espero que uma reflexão mais profunda sobre o futuro de nossa

vida religiosa em relação à evangelização, sinônimo de nossa missão na Igreja, poderá ser feita posteriormente. Aqui quero apenas sugerir algumas perguntas que nos ajudarão a pensar sobre nosso futuro e talvez a prevê-lo e, conseqüentemente, tomar posição, fazer opções, traçar diretivas que ajudem e estimulem a evolução de nossos Institutos religiosos para torná-los, dentro de uma contínua fidelidade ao carisma dos fundadores, sempre mais eficazes no serviço da Igreja e da humanidade.

1. Quais são os motivos de esperança para o futuro da vida religiosa enquanto atividade evangelizadora?

2. Quais os principais pontos de preocupação com relação ao apostolado?

3. Poderia marcar alguns pontos-chaves na evolução de seu Instituto, na compreensão do carisma e do espírito do Fundador em relação às suas aplicações apostólicas?

4. Acredita que a formação que se dá aos jovens religiosos de seu Instituto levará a um tipo diverso de religioso apóstolo? Isto se faz conscientemente ou se dá por força de circunstâncias fortuitas? Poderia enumerar alguns pontos principais das mudanças na formação?

5. Prevê que, dadas as circunstâncias modernas do apostolado, as atividades apostólicas do seu Instituto, se modificarão essencialmente?

**6.** Que lugar ocupa a criatividade na sua planificação apostólica? Que manifestações carismáticas ou proféticas pode descobrir no seu Instituto, em relação à evangelização?

**7.** O ritmo de mudança que se verifica no seu Instituto, se acelera ou desacelera com o passar do tempo?

**8.** Prevê ainda um período prolongado de mudanças? Qual é sua política atual: consolidar o novo ou fomentar a evolução e as mudanças que dele derivam?

**9.** Observa alguma tensão entre universalidade de seu Instituto e a ação apostólica, de uma parte; e de outra, entre universalidade de seu Instituto e apostolado concreto pedido pela Igreja local? Como pensa em resolver o problema?

**10.** Dado que o problema das vocações é vital, o que faz para que seu Instituto projete uma imagem aceitável e dê uma resposta válida às aspirações da juventude?

**11.** Poderia descrever brevemente como desejaria que seu Instituto se evoluísse no próximo futuro?

# AUXILIAR PASTORAL:

## QUEM É?

## QUE FAZ?

**IRMÃ HELENA GONÇALVES**

“O Espírito sopra onde quer”. Ele conduz a Igreja à sua plenitude, através das situações históricas, que são manifestações de sua presença. Entre os muitos sinais dos tempos, na Igreja hoje, destaca-se, sem dúvida, o surgimento de novas formas de serviços para que no mundo onde está inserida, possa realizar a salvação = comunhão dos homens entre si e com Deus.

Nessas novas formas de ministérios, aparece mais e mais o papel da mulher, religiosa ou leiga, que se sente vocacionada à diaconia eclesial. Isso não apenas porque faltam sacerdotes. Mas porque, como cristã e especificamente como mulher, com suas qualidades femi-

ninas, ela é chamada a assumir seu lugar próprio, na corresponsabilidade de realizar o Reino.

### **Auxiliar Pastoral, missão específica na Igreja**

Reclama-se mais e mais a presença da Igreja em todos os meios e ambientes. Essa presença concretiza-se através de cada cristão que, a partir de seu batismo, é comprometido com os homens de nosso tempo, para que, com eles, chegue à sua realização plena. Porém, se toda a Igreja é essencialmente missionária, pela sua própria natureza, há diversos dons e carismas para o bem comum (1 Cor 12). Assim, cada cristão, na Igreja,

tem seu papel a desempenhar, uma diaconia, um serviço, a exercer.

Situa-se aí a missão específica da Auxiliar Pastoral. Ela é alguém que procura incarnar-se na realidade e assume uma missão especial que lhe é conferida a partir de seu Batismo e intensificada pelo chamado da Igreja para, em sua situação vivencial, fazer acontecer a Comunhão.

Como realiza essa missão? Pelo engajamento na Igreja Particular, em comunhão com o Bispo de cuja missão participa, unida aos presbíteros, diáconos e fiéis. Seu trabalho é muito diversificado: formação e coordenação de pequenas comunidades naturais que, mais e mais se encaminham para a Comunidade Eclesial de Base, prioridade da ação pastoral hoje. Coordenação de paróquias com ou sem sacerdote residente, não como alguém que é um "supletivo" do padre ou um "mini-padre", ali colocado devido à falta de sacerdotes. Tem uma missão própria a exercer e tem consciência dessa missão.

Outros campos se oferecem à sua atuação: orientação de grupos especializados, coordenação catequética em nível paroquial, diocesano e regional, e em outros setores pastorais. Em sua missão não pode ficar esquecida a "promoção do homem todo e de todos os homens", para que se possa realizar a verdadeira ação evangelizadora.

Longe de expressar dependência ou submissão, a designação **Auxiliar Pastoral** quer dizer responsabilidade na missão salvífica da Igreja, como sinal e sacramento de comunhão na Igreja Particular e

local. Ela não é, necessariamente, uma religiosa, embora a maioria das que, atualmente, estão exercendo essa missão seja membro de congregações religiosas. Também leigos e leigas têm encontrado na diaconia como Auxiliar Pastoral uma forma de concretizar sua vocação cristã, na Igreja, a serviço dos irmãos.

### **Por que somos Auxiliares Pastorais?**

● Porque a Igreja necessita hoje de novos ministérios para atender aos apelos e necessidades do mundo contemporâneo. Entre esses apelos situa-se a necessidade de atender-se a inúmeras paróquias e comunidades que não podem contar com sacerdote permanente.

● Somos Auxiliares Pastorais para trabalhar na promoção de nossos irmãos, para que possam passar de "situações menos humanas para situações mais humanas" (Medellin), conforme sua dignidade de seres criados à imagem e semelhança de Deus.

● Somos Auxiliares Pastorais para ajudar nossos irmãos a aprofundar sua reflexão e vivência de fé, que culmina na celebração eucarística, como expressão de vida. Assim, orientamos e dinamizamos o Povo de Deus, para que aconteça comunhão de vida, de culto e de fé.

A Auxiliar Pastoral sabe que "como mulher, deve concorrer para o bem da cidade, no seio da qual é, quanto à dignidade, igual ao homem. Os dois têm o direito e o dever de cooperar para o bem

total da sociedade" (Pio XII, discurso de 21-10-1945). Portanto, também na construção da comunidade eclesial, a mulher deve desenvolver sua complementariedade, na linha do serviço. Também aqui vale a palavra do Gênesis: "não é bom que o homem esteja só".

### **Como se preparam as Auxiliares Pastorais**

Primeiramente por meio de um curso de um ano, em regime de tempo integral. O currículo engloba as dimensões teológica, pastoral e antropológica, além de estágios, onde é colocado em prática, analisado e questionado o conteúdo recebido nas aulas. Quer-se ressaltar ainda a tentativa de ajudar os cursistas a experienciar vivência de comunidade e amizade, sem a qual não é possível verdadeira ação pastoral.

Mas não é suficiente um curso para formar agentes pastorais, mais ainda para uma realidade tão complexa e diversificada como a latino-americana. Faz-se necessário acompanhá-los, apoiando-os e possibilitando-lhes contínua atualização, pela revisão crítica de suas experiências e descoberta de novos caminhos.

Nesse intuito, a direção da Escola promove todos os anos encontros para os que participaram do Curso. Tais encontros, baseados em troca de experiências, a partir dos imperativos da realidade, abrangem ainda um tema de reflexão e aprofundamento. Assim, em janeiro do presente ano, reuniram-se em Porto Alegre as Auxiliares Pastorais que atuam no Sul do País. As que exercem suas atividades do centro

ao Norte do Brasil, encontraram-se no Rio de Janeiro, em fevereiro próximo passado. Em ambos os encontros, partindo-se de experiências em Comunidades de Base, aprofundou-se o tema "Evangelização do Mundo Contemporâneo", conforme o documento do Sínodo dos Bispos em Roma.

A Escola de Auxiliares Pastorais, fundada e coordenada pelo Instituto Serviam, através de Ir. Elisabeth Stümpfler, foi integrada no Instituto Pastoral Sul 3, órgão da CNBB daquele Regional. É a única Escola desse gênero no Brasil. Está sendo preparada para o segundo semestre de 1974 uma Escola congênere em Belo Horizonte.

### **Problemática desse Ministério**

A "profissão" de Auxiliar Pastoral é um novo ministério na Igreja. São muitas as dificuldades que ainda deverão ser superadas. Não obstante o sério esforço de renovação, provocado pelo Vaticano II, o problema da Mulher, sua promoção, seu lugar e sua imagem na Igreja carecem de uma definição mais objetiva. Consequentemente, de uma valorização equivalente, seja por parte da hierarquia, seja por parte da própria mulher, habituada a atitudes de submissão e dependência. A evolução da mulher, que se processa em todas as esferas do mundo de hoje, não pode deixar de repercutir e influenciar também no âmbito eclesial. Embora já se tenha caminhado bastante nesse sentido, resta ainda muito a fazer.

Constata-se uma grande dispersão no engajamento dos agentes de

pastoral. Uma pastoral eficiente, porém, não pode efetuar-se sem uma autêntica coordenação. Evidencia-se que a não existência desta coordenação pastoral específica em alguns regionais, dificulta uma ação integrada e, por isso, mais eficiente.

A deficiente promoção da mulher, e mais ainda, da mulher leiga, dificulta muitíssimo o engajamento de Auxiliares Pastorais leigas. Se a insuficiente remuneração para o trabalho pastoral já constitui problema para religiosas, esse torna-se mais grave para leigas que, sem o apoio de uma Congregação, são levadas a buscar outros meios de subsistência, em prejuízo do trabalho pastoral. Não é rara a tendência de se considerar a leiga no nível de religiosa, exigindo-se delas atitudes correspondentes a essa mentalidade.

Muitas Congregações têm correspondido com entusiasmo a solicitação de engajamento pastoral, possibilitando a muitos de seus membros uma integração mais direta. Contudo, é indiscutível a experiência de vida de equipe para o agente de pastoral. A diversidade de atuação dos elementos de uma comunidade, se, de um lado, pode constituir uma riqueza para a mesma, por outro lado pode tornar-se problema se não houver um efetivo assumir e valorizar dos trabalhos de cada uma, com todas as consequências (mudança de horários, apoio mútuo, assumir a vida na oração, etc.).

## Conclusões

Constata-se sempre mais a atualidade da missão de Auxiliar Pastoral na Igreja hoje. Embora havendo abertura de grande número de Congregações para essa nova forma de serviço, não podemos deixar de questionar quais sejam as causas do número ser ainda tão reduzido em proporção às exigências da Igreja, especialmente na América Latina.

Não faltam solicitações por parte de bispos e sacerdotes, compreendendo a necessidade de agentes disponíveis. Porém, será suficiente a disponibilidade? Não se requer uma séria preparação teológico-pastoral e uma capacidade de aculturação? Pois o Agente Pastoral não é aquele que leva fórmulas prontas, mas o que está preparado para assumir os valores do povo no meio do qual realiza sua diaconia, para, a partir deles, efetuar a obra evangelizadora.

Enquanto o mundo moderno faz cada vez mais exigências de especialização profissional, não será essa uma decorrência lógica para a pastoral? Ou continuaremos improvisando, embora, segundo João XXIII "improvisar na Igreja é pecar contra o Espírito Santo"?

Concluindo, também na Igreja, lenta mas progressivamente, abre-se vasto campo para a atuação da mulher. Importa que, preparadas, assumamos nosso lugar, com consciência e participação, buscando não apenas a nossa realização, mas o Reino, no qual estamos a serviço.

Como uma tentativa de dar um novo tipo de liderança, os membros da Administração Geral da Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo realizaram o seguinte programa para todas as Irmãs em todas as suas províncias.

# UMA CONGREGAÇÃO BUSCA SUA EXPERIÊNCIA COMUM DE DEUS

## Informação geral

A congregação foi fundada em 1834 em Acuto, Itália. É uma congregação apostólica seguindo a inspiração da Beata Maria de Mattias, fundadora, e São Gaspar de Búfalo, co-fundador das Adoradoras e fundador dos Missionários do Preciosíssimo Sangue.

Presentemente, a Congregação tem quase 3000 membros em 12 províncias: 5 na Itália, 3 nos Es-

tados Unidos, e uma em Manaus— Amazonas, Yugoslávia, Polônia, e Liechtenstein, e missões na Tanzânia e Libéria, África, Austrália, Argentina, Bolívia, Guatemala e Porto Rico.

Depois do Capítulo Geral de julho/1971, o novo Conselho Geral se empenhou com um processo de identidade de si, como ponto de partida para um programa de renovação que durante os próximos dois anos seria levado a todas as Irmãs da Congregação.

## **Premissas básicas do programa**

1. Durante o Concílio Vaticano II, a Igreja se questionou seriamente a respeito da sua natureza verdadeira. Perguntava-se sobre a sua identidade mais profunda. Perguntava-se se irradiava ao mundo contemporâneo a imagem de uma comunhão apostólica de fé, de amor fraterno e de partilha centrada na pessoa de Cristo, com a autoridade compreendida como serviço de união, como era a Igreja quando Cristo a fundou. Escolhendo a expressão "Povo de Deus" como mais apropriada para nosso tempo (LG, capítulo 2), os Padres Conciliares ofereceram linhas de orientação na forma de Decretos para uma renovação radical de cada categoria do Povo de Deus, isto é, leigos, religiosos e religiosas, sacerdotes e bispos. A imagem da Igreja como "comunhão em Cristo" será realizada pelos esforços de renovação de todo o Povo de Deus.

2. Eclesial por natureza, cada congregação religiosa deve procurar seu caráter especial a fim de ter sua própria fisionomia e de dar sua específica contribuição à Igreja total.

3. Não basta que a Congregação defina seu carisma particular, é preciso vivê-lo numa maneira "incarnacional". Os membros devem informar-se muito bem sobre a condição humana do mundo atual e ser engajados profundamente na vivência do Mistério de Cristo na realidade contemporânea, participando na condição de peregrina com todo o Povo de Deus.

## **Objetivo do programa e os meios**

O objetivo do programa era: buscar junto com as Irmãs a identidade das Adoradoras no nível congregacional, pessoal e de comunidade local, **aqui hoje**, fazendo atual e viva a experiência de Deus da Fundadora, a fim de que as Adoradoras de hoje fossem um testemunho especial ao Povo de Deus neste tempo como a Beata Maria de Mattias tinha sido para o povo de sua época.

Para alcançar este objetivo, a Equipe Geral composta da Superiora Geral e das quatro conselheiras, viajaram a todas as províncias e missões, administrando uma série de 125 cursinhos. Cada cursinho constava de 12 a 14 horas de apresentação da matéria, reflexão, dinâmica de grupo e oração. O número de participantes em cada cursinho variava de 20 a 40. As comunidades locais faziam o encontro juntas, sempre que possível. No prazo de dois anos, a Congregação inteira fez o programa com a Equipe Geral.

## **Elementos do programa**

O programa é baseado em três elementos fundamentais a toda espiritualidade: 1) A experiência de Deus. 2) A resposta de fé. 3) A realidade em todas as suas dimensões. Composto nesta maneira, o programa constatava um esforço à integração, uma tentativa para criar uma espiritualidade apostólica que gradualmente podia eliminar a dicotomia que muitas Irmãs sentem hoje devida à formação de outrora e à "chamada" de hoje para um

engajamento sempre mais intenso no mundo atual.

**Experiência de Deus.** Deus sempre toma a iniciativa na revelação de si. É indispensável que a Congregação descubra a natureza da iniciativa que Deus tomou na vida da Fundadora, porque é precisamente nesta EXPERIÊNCIA que a Congregação acha a sua identidade mais profunda. Ao conhecer o aspecto particular do grande Mistério de Cristo confiado à Fundadora, as Irmãs de hoje saberão quem elas são e o que elas devem SER ante o Povo de Deus de hoje. No processo de discernimento espiritual, as Irmãs investigaram a experiência de fé da Fundadora para descobrir sua intuição profética do Evangelho.

**Resposta de Fé: Programa de Vida.** Ser religiosa significa dar uma resposta a Deus que inclui a pessoa em sua totalidade. Ainda mais, entrar em uma Congregação específica que a resposta composta de muitos elementos será colorida pela experiência particular de Deus que a Fundadora teve.

A pergunta decisiva para as religiosas a esse respeito é a seguinte: Será que nosso programa de vida (oração, consagração, comunidade, apostolado, penitência, conversão, etc.) é verdadeiramente uma **resposta** a uma experiência profunda e vital de Deus, ou talvez é somente uma **estrutura** conservada sobre a base de regras, regulamentos e tradições, sem questionar valores, prioridades e relevância?

Uma outra pergunta de importância é esta: Será que a nossa res-

posta à experiência de Deus está incarnada na realidade contemporânea?

As Irmãs foram encorajadas a usar muito o discernimento pessoal e comunitário sobre este elemento de resposta, pondo os diversos itens na agenda de suas assembleias provinciais e locais, a fim de permear cada um com o espírito da Fundadora e adaptá-lo aos tempos atuais.

**Realidade.** Em cada época há uma urgência em levar a Boa Nova sobre Jesus e sua mensagem salvífica aos homens. Mas a mensagem deve ser exposta de tal modo que possa ser compreendida. Aqui se vê como é importante que as Irmãs conheçam o homem contemporâneo na sua realidade: física, psicológica, sociológica, política e religiosa. Quais são as esperanças e as angústias, as aspirações e os obstáculos à sua realização que o homem de hoje enfrenta? No processo de discernimento, as Irmãs foram levadas a descobrir nos sinais concretos o apelo de Cristo. Usando os muitos documentos da Igreja sobre a Justiça Social, as Irmãs estudaram os problemas principais nas diversas regiões de nossa "aldeia global".

**Presença.** Presença é aquilo que resulta da interação dos três elementos de espiritualidade. É a transparência (ou a falta dela) de uma experiência vivente de Deus, expressa em uma resposta significativa e incarnada na realidade quotidiana na qual vive a Irmã. A presença é a manifestação externa daquilo que se vive no âmago do coração; jorra da participação in-

terior do Mistério de Cristo. Durante as horas de reflexão, as Irmãs se perguntaram: O que diz a presença de nossa Congregação de Adoradoras do Sangue de Cristo ao Povo de Deus hoje? Ao mundo de hoje? O que diz a minha presença pessoal às minhas Irmãs da comunidade? O que diz a nossa presença como uma comunidade local ao povo que servimos neste povoado ou cidade?

## Busca de identidade

Empregando os três elementos básicos de espiritualidade, as Irmãs buscaram juntas sua identidade como Congregação, como membros individuais, e como comunidades locais.

**Identidade da Congregação.** Usando algumas biografias da Fundadora, e particularmente as suas tantas cartas, as Irmãs definiram a visão de fé dela: a centralidade do Cordeiro Inocente de Deus que leva o amor às suas últimas conseqüências para redimir a humanidade. Tomando em consideração a natureza dinâmica do carisma, as Irmãs chegaram a expressá-lo assim para hoje: **amor de adoração** para com o Filho de Deus em seu Mistério de Redenção em Sangue e **amor libertador** para com os irmãos.

**Identidade Pessoal.** "Buscar a face de Deus, conhecer o Deus de sua história pessoal e encontrá-lo num encontro profundo deve ser a meta constante de todas nós Adoradoras," disse um Ato Capitular de 1971. A identidade se faz em tantos níveis (por exemplo: em relação à nossa família, ao país de

nosso nascimento, à nossa profissão, à nossa congregação religiosa, etc.). Estas identidades são válidas, porém, são inadequadas. A identidade mais profunda de cada pessoa é aquela que brota da sua experiência pessoal de Deus. É aquela identidade própria ao seu "nome bíblico", aquele nome que Deus pronunciou quando a chamou à existência. "Ao vencedor darei o maná escondido e lhe entregarei uma pedra branca, e na pedra será gravado **um nome novo**, que ninguém conhece senão aquele que o receber" (Apc 2, 17).

A pergunta mais importante na busca de identidade pessoal não é "Quem sou eu?" mas "Quem é Cristo para mim?" Quando, por meio de experiência pessoal podemos responder esta pergunta, saberemos quem nós somos. Um estudo cuidadoso do texto de São Mateus 16, 13-20 ajuda na busca de identidade. Quando São Pedro, pela experiência vivente de Jesus, podia dizer que para ele Jesus era o "Cristo" que significa "Messias", aquele que deve fundar o Reino, ao mesmo tempo Pedro sabia sua própria identidade: naquele Reino, ele seria a pedra fundamental. Era uma identidade que revelava ao mesmo tempo a sua missão.

Cada Irmã foi encorajada a refletir sobre a sua realidade pessoal: o lugar onde se acha com os aspectos sociais, políticos, econômicos e religiosos. De modo particular as Irmãs foram levadas a pensar sobre a realidade mais íntima: a sua condição física, psicológica, cultural, etc. Deus vem a cada uma dentro da sua específica realidade

concreta, e é precisamente nesta realidade que cada uma faz sua resposta dinâmica a Ele.

Evidentemente, Deus não dá uma experiência de sua Pessoa alienada à visão de fé confiada à Fundadora. Contudo, Deus é infinitamente criativo e original na sua aproximação a cada pessoa. Daqui vem a variedade da beleza espiritual entre os membros da mesma Congregação. Esta ação pluriforme de Deus constitui a base para o respeito devido a cada Irmã e a liberdade precisa a fim de que os dons de Deus possam desabrochar em cada uma para glória de Deus e o bem dos irmãos.

Quando cada membro da Congregação está se esforçando para viver profundamente sua experiência única de Deus, então podemos dizer que a Congregação está se renovando. Porém, esta renovação é um processo de tornar-a-ser, visto que nosso Deus é um Deus vivo. Durante a vida duma pessoa, ele nunca cessa de revelar-se e a pessoa nunca deve cessar de responder a seu modo particular.

**Identidade da Comunidade Local.** Cada comunidade local também tem sua própria identidade que provém duma experiência de Deus comum a todos os membros daquela comunidade. Na reflexão do Evangelho à luz da realidade do povo que servem, as Irmãs descobrirão que Cristo quer viver nelas um aspecto particular de seu Mistério de Libertação em Sangue. É a própria realidade do lugar interpretada na luz do Evangelho que lhes revelará a sua identidade.

Enquanto os membros da comunidade local compartilham suas reflexões da Palavra de Deus, fazem a revisão de vida com regularidade à luz daquela Palavra, e se comunicam uma com a outra em nível de fé, tornar-se-ão "comunidade" "igreja", uma comunhão de fé e de amor fraterno, centrado na Pessoa de Cristo que sendo ele mesmo enviado pelo Pai participa com a comunidade local o seu Mistério e a sua Missão.

## Conclusão

É evidente que este programa salienta o valor de pluriformidade de expressão, posta sobre a base de uma experiência de Deus comum a todas. Na hierarquia de valores, não se deverá dar primazia à uniformidade.

Para os membros da Equipe Geral, buscarem junto com as Irmãs a experiência de Deus e encorajar a diversidade de expressões constituiu uma riqueza imensa. Verificar o que significa ser uma Adoradora do Sangue de Cristo nas realidades tão diferentes da América do Sul ou América Central, da Europa, África, Austrália ou dos Estados Unidos, revela que a experiência de Deus da Fundadora pode ter tantas facetas quantas são as Irmãs que seriamente procuram vivê-la.

É a convicção da Equipe Geral que a verdadeira renovação da Congregação se realizará à medida em que os membros se empenham a viver a sua experiência de Deus concretamente e em profundidade.

Ao mesmo tempo na medida em que a Congregação se renova, a Igreja terá uma face nova; será mais acreditável, pois cumprirá mais plenamente a sua função de

“irradiar diante de todos os homens as feições amáveis de Jesus Cristo” (Mensagem a Humanidade, Padres Conciliares de Vaticano II, 20 de outubro de 1962).

## UM GUIA PARA UMA BUSCA CONTINUA

### I. Identidade da Congregação

1. Experiência de Deus da Fundadora
2. A realidade dos tempos da Fundadora
3. A sua resposta
4. A sua presença

Formular a experiência de Deus, isto é, seu carisma, na sua dimensão vertical e horizontal em palavras significativas para hoje.

Ser Adoradora do Sangue de Cristo significa .....

### II. Identidade Pessoal

1. Minha experiência pessoal de Deus
2. A realidade do mundo contemporâneo (global, local, pessoal)
3. Minha resposta pessoal (meu programa de vida)
4. Minha presença

Formular a minha experiência de Deus com sua dimensão vertical e horizontal.

Ser Irmã ..... ASC significa .....

### III. Identidade da Comunidade Local

1. Nossa experiência de Deus
2. A realidade local
3. Nossa resposta como Comunidade
4. Nossa presença

Formular nossa comum experiência de Deus com sua dimensão vertical e horizontal.

Ser Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo da Comunidade Local de ..... (lugar) significa .....

1. A presente estatística, facilitada pela Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, compreende unicamente as Ordens, Congregações, Sociedades de Vida Comum, etc., de direito pontifício e que dependem somente desta Sagrada Congregação. Existem muitas outras de direito diocesano. Outras dependem da Congregação para a Evangelização dos Povos e para a Igreja Oriental.

2. Estes números são do ano de 1972 e focalizam:

— **As jovens religiosas**, isto é, as noviças e as religiosas que emitiram votos ou promessas temporais ou se uniram ao Instituto por algum voto temporal.

— **O número de religiosas** com votos perpétuos ou parecidos.

— **O contraste** em percentagens de noviças e de religiosas ligadas aos Institutos por laços temporais relacionando-se com o total de religiosas que vivem em cada país. Note-se bem que o ponto crítico está ao redor de 10%. Quando é maior, o número de religiosas aumenta; quando é menor, este número diminui.

— **O número de dispensas** de votos perpétuos ou seus equivalentes concedidas em 1972 pela Sagrada Congregação para os Religiosos. Não se indicam, todavia, as causas.

— **O percentual** que estas dispensas supõem comparado com a totalidade das professoras perpétuas.

Estes dois últimos dados — o número de dispensas e seu percentual — significam pouco porque não se conhecem os motivos.

## ESTATÍSTICA

# AS RELIGIOSAS NA IGREJA HOJE

ALBERTO BARRIOS, CMF

## E U R O P A

Nações	Noviças mais Prof. temporais	Professas perpétuas	Total de reliģosas	% por Nação	Dispensas da votos perpétuos	% de dispensas
Albânia .....	—	—	—	—	—	—
Alemanha Ocidental ...	1.790	43.849	45.639	3,92	136	0,31
Alemanha Oriental ....	—	10	10	—	—	—
Áustria .....	398	9.864	10.262	3,87	27	0,27
Bélgica .....	403	8.713	9.116	4,42	38	0,43
Bulgária .....	1	18	19	—	—	—
Checoslováquia .....	563	6.968	7.531	7,47	2	0,02
Dinamarca .....	7	451	458	1,52	—	—
Espanha .....	7.048	58.044	65.092	10,82	494	0,85
Estônia .....	—	—	—	—	—	—
Finlândia .....	0	30	30	—	—	—
França .....	2.950	67.412	70.362	4,19	241	0,35
Gibraltar .....	2	12	14	—	—	—
Grã-Bretanha .....	1.158	14.150	15.308	7,56	87	0,61
Grécia .....	6	144	150	—	—	—
Hungria .....	36	3.265	3.301	1,09	—	—
Irlanda .....	719	9.843	10.562	6,80	125	1,26
Islândia .....	0	30	30	—	—	—
Itália .....	9.950	133.482	143.432	6,93	495	0,37
Letônia .....	0	50	50	—	—	—
Licchtenstein .....	5	65	70	—	—	—
Lituânia .....	5	105	110	—	—	—
Luxemburgo .....	68	1.352	1.420	4,78	—	—
Malta .....	137	1.210	1.347	10,17	10	0,82
Mônaco .....	0	75	75	—	—	—
Norueza .....	6	306	312	1,92	—	—
Países Baixos .....	166	15.114	15.280	1,08	123	0,81
Polónia .....	2.273	20.945	23.218	10,85	15	0,07
Portugal .....	1.076	2.791	3.867	27,82	24	0,85
Romênia .....	97	1.416	1.513	6,41	—	—
Rússia .....	4	10	14	28,57	—	—
São Marinho .....	0	16	16	—	—	—
Suécia .....	2	213	215	0,93	—	—
Suíça .....	560	9.135	9.695	5,77	16	0,17
Iugoslávia .....	1.511	0.091	7.602	19,87	34	0,55
<b>TOTAL .....</b>	<b>36.985</b>	<b>416.354</b>	<b>447.339</b>	<b>7,84</b>	<b>1.867</b>	<b>0,51</b>

## Á F R I C A

Nações	Noviças mais Prof. temporais	Professas perpétuas	Total de reliģosas	% por Nação
Afars e Issas .....	1	32	33	—
África do Sul .....	9	126	135	19,04
Alto Volta .....	16	68	84	—

Angola .....	113	475	585	23,78
Argel .....	7	593	600	—
Botswana .....	0	34	34	—
Burundi .....	4	136	140	—
Cabo Verde .....	2	5	7	—
Camerum .....	95	497	592	16,04
Conzo Brazzaville .....	4	37	41	—
Congo Zaire .....	226	1.580	1.806	12,51
Costa do Marfim .....	20	182	202	9,90
Chiad .....	5	78	83	—
Dahomey .....	14	87	101	13,86
Etiópia .....	100	216	316	31,64
Gabão .....	4	97	101	—
Gâmbia .....	2	28	30	—
Gana .....	2	27	29	—
Guiné Rep. ....	2	12	14	—
Guiné Equatorial .....	5	6	11	—
Guiné Portuguesa .....	—	—	—	—
Quênia .....	26	272	298	8,72
Lesotho .....	112	534	646	18,33
Libéria .....	4	28	32	—
Líbia .....	3	56	59	—
Madagascar .....	345	1.051	1.396	24,73
Malawi .....	20	122	142	14,08
Mali .....	4	66	70	—
Marrocos .....	9	354	363	—
Maurício .....	45	257	302	14,90
Mauritânia .....	0	14	14	—
Moçambique .....	152	602	754	20,15
Níger .....	1	13	14	—
Nigéria, R. F. ....	13	175	188	6,91
Rep. Árabe Unida .....	102	665	767	13,29
Rep. Centro-Africana .....	6	93	99	—
Rep. Sul-Africana .....	179	2.311	2.490	7,18
Reunião .....	56	363	419	13,36
Rodésia .....	30	186	206	14,56
Ruanda .....	45	111	156	28,84
Saara Espanhol .....	2	16	18	—
São Tomé e Príncipe .....	0	8	8	—
Scyhelles .....	1	41	42	—
Senegal .....	23	270	293	1,84
Serra Leoa .....	1	59	60	—
Somália .....	—	—	—	—
Sudão .....	—	—	—	—
Suazilândia .....	0	43	43	—
Tanzânia .....	12	239	251	—
Togo .....	11	70	81	—
Tunísia .....	6	185	196	—
Uganda .....	18	148	166	10,84
Zâmbia .....	50	322	372	13,44
Outros países .....	55	220	275	20,37
<b>TOTAL .....</b>	<b>1.962</b>	<b>13.210</b>	<b>15.164</b>	<b>29,25</b>

## Á S I A

Nações	Noviças mais Prof. temporais	Professas perpétuas	Total de religiosas	% por Nação	Dispensas de votos perpétuos
Afeganistão .....	0	12	12	—	—
Arábia Saudita .....	—	—	—	—	—
Bangla Desh .....	25	148	173	14,45	—
Bhuthan .....	—	—	—	—	—
Birmânia .....	182	235	417	43,64	—
Bornéu .....	0	5	5	—	—
Camboja .....	3	39	42	7,14	—
Ceilão .....	310	1.445	1.755	17,66	—
Coréia do Norte .....	—	—	—	—	—
Coréia do Sul .....	396	615	1.011	39,16	—
China, R. P. ....	35	136	171	20,46	—
China, R. N. ....	71	380	451	15,74	—
Chipre .....	4	63	67	5,97	—
Filipinas .....	1.048	3.138	4.186	25,03	—
Hong-Kong .....	70	368	438	15,98	—
Índia .....	4.319	7.507	11.826	36,52	—
Indonésia .....	671	1.743	2.414	27,79	—
Iraque .....	0	31	31	—	—
Irã .....	0	29	29	—	—
Israel .....	23	663	683	3,35	—
Japão .....	761	2.872	3.633	20,94	—
Jordânia .....	3	103	106	—	—
Kuwait .....	—	—	—	—	—
Laos .....	2	83	85	—	—
Líbano .....	108	1.023	1.131	9,54	—
Macau .....	4	67	71	—	—
Malásia .....	53	431	484	10,95	—
Mongólia .....	—	—	—	—	—
Nepal .....	1	12	13	—	—
Paquistão .....	71	262	333	21,32	—
Singapura .....	36	100	136	26,47	—
Síria .....	4	101	105	—	—
Tailândia .....	91	253	344	26,45	—
Timor .....	8	42	50	16,00	—
Turquia .....	1	190	191	—	—
Vietnam do Norte .....	—	—	—	—	—
Vietnam do Sul .....	543	1.470	2.013	26,97	—
Iêmen .....	—	—	—	—	—
Outros países .....	143	2.215	2.358	6,06	—
<b>TOTAL .....</b>	<b>8.986</b>	<b>25.781</b>	<b>34.664</b>	<b>19,89</b>	<b>84=0,39</b>

## A M É R I C A S

Nações	Noviças mais Prof. temporais	Professas perpétuas	Total de reliģiosas	% por Nação	Dispensas de votos perpétuos	% de dispensas
<b>NORTE</b>						
Bermudas .....	1	15	16	—	—	—
Canadá .....	1.219	39.895	41.114	2,96	601	1,50
Estados Unidos .....	8.463	123.415	131.878	6,41	2.204	1,78
Groelândia .....	—	—	—	—	—	—
S. Pedro y Miguelón ...	2	14	16	—	—	—
<b>CENTRAL</b>						
Costa Rica .....	302	618	920	32,82	—	—
El Salvador .....	225	595	820	27,43	—	—
Guatemala .....	144	604	748	19,25	—	—
Honduras .....	23	221	244	9,42	—	—
Honduras, Britânico ...	0	57	57	—	—	—
México .....	3.266	13.429	16.695	19,56	163	1,21
Nicarágua .....	97	511	608	15,95	—	—
Panamá .....	57	345	402	14,17	—	—
Outros países .....	4	31	35	—	—	—
<b>ANTILHAS</b>						
Antígua .....	—	—	—	—	—	—
Bahamas .....	28	32	60	46,66	—	—
Barbados .....	0	18	18	—	—	—
Bonaire .....	—	—	—	—	—	—
Cuba .....	13	138	151	8,60	—	—
Curaçao y Aruba .....	4	178	182	2,19	—	—
Haiti .....	74	558	632	11,70	—	—
Jamaica .....	5	71	76	6,57	—	—
Martinica y Guadalupe.	48	406	454	10,57	—	—
Porto Rico .....	100	1.016	1.116	8,96	—	—
Rep. Dominicana .....	213	935	1.148	18,55	—	—
Trinidad y Tobago .....	18	57	75	24,00	—	—
Ilhas Virgens .....	64	209	273	23,44	—	—
<b>SUL</b>						
Argentina .....	920	9.940	10.860	8,47	153	1,53
Bolívia .....	165	1.028	1.193	13,83	9	0,87
Brasil .....	4.998	28.009	33.007	15,14	416	1,48
Colômbia .....	3.252	13.654	16.906	19,23	174	1,27
Chile .....	365	3.780	4.145	8,80	30	0,79
Equador .....	622	3.166	3.788	16,42	27	0,85
Guianas .....	3	63	66	—	—	—
Paraguai .....	107	446	553	19,34	6	1,34
Peru .....	548	3.042	3.590	15,26	29	0,95
Suriname .....	7	93	95	—	—	—
Uruguai .....	182	1.523	1.705	10,67	20	1,31
Venezuela .....	483	3.255	3.738	12,92	29	0,89
<b>TOTAL</b> .....	<b>26.017</b>	<b>251.367</b>	<b>277.384</b>	<b>15,49</b>	<b>3.861</b>	<b>1,21</b>

## O C E A N I A

Nações	Noviças mais Prof. temporais	Professas perpétuas	Total de reli-giosas	% por Nação
Austrália .....	1.087	11.877	12.964	8,38
Nova Guiné e Papua .....	36	374	410	8,78
Nova Zelândia .....	151	1.889	2.040	7,40
Pacífico, outras ilhas .....	98	459	557	17,59
<b>TOTAL</b> .....	1.372	14.599	15.971	10,53

## Q U A D R O G E R A L

Nações	Noviças mais Prof. temporais	Professas perpétuas	Total de reli-giosas	% por Nação	Dispensas de votos perpétuos	% de dispensas
Europa .....	30.985	416.354	447.339	7,84	1.867	0,51
Ásia .....	8.986	25.781	34.664	19,89	—	—
África .....	1.962	13.210	15.164	29,25	—	—
Américas .....	26.017	251.367	277.384	15,49	—	1,57
Oceania .....	1.372	14.599	15.971	10,53	4.074	—
<b>TOTAL</b> .....	69.322	721.311	790.522	16,60	5.812	0,82

### Análise destes quadros

1. O primeiro ponto que chama poderosamente a atenção é a diminuição das vocações quando se compara o número de noviças e de jovens religiosas com o total de religiosas existentes em cada país. Na Europa, de 36 países indicados, somente dois superam os 10%: Portugal com 27,82% e a Iugoslávia com 18,87%. Três outros superam os 10% com uma margem mínima: Espanha com 10,82%; Polônia com 10,85% e Malta com 10,17%. Junto com a Europa industrializada estão os Estados Unidos com 6,41% e o Canadá com 2,96%.

A impressão que fica é esta: onde há mais religiosas, há menos vocações. A Itália com 143.432 religiosas apresentam apenas o percentual de 6,93% de noviças e jovens religiosas e os Estados Unidos têm 6,41% com suas 131.878 religiosas. Na Ásia, África e Américas a maioria das nações supera os 10%.

2. Causa profunda impressão a distribuição das religiosas. Na Europa vivem mais da metade: 447.339 e no resto do mundo: 395.261. Se a este último número acrescentarmos as religiosas dos Estados Unidos 131.878 e as do Canadá ... 41.114, sobrarão para o resto do

mundo apenas 222.269. Nem uma terça parte, quando as necessidades são imensamente maiores. Por exemplo: em toda a África trabalham 15.164 religiosas, o mesmo número que trabalha na Holanda. Em toda a Ásia, 34.664, ou seja, 11.000 menos que na Alemanha Federal.

3. A julgar pelo presente, o futuro não é sorridente para nenhum continente. Na Europa, a maioria das nações assistem a um diminuir das religiosas, seja pela idade, seja pela morte, seja pela deserção. O mesmo fenômeno se observa no Canadá e nos Estados Unidos. Na Ásia e na África o número de religiosas é tão pequeno que, embora haja contínuo progresso, deverão transcorrer muitos anos para que as religiosas autóctones prestem todo apoio e serviço de que necessitam as Igrejas locais. O mesmo se pode dizer, embora em menor grau, da maioria dos países ibero-americanos.

4. Não sabemos o total das dispensas concedidas pela Sagrada Congregação para os Religiosos. Não se indica nada com relação à África e à Oceania e apenas 84 para a Ásia. Teoricamente não deve preocupar pois o total percentual das deserções de professoras perpétuas é sempre menor porque, na pior das hipóteses, em nenhuma nação chega a 2%. Há, entretanto, um dado importante: as dispensas são mais numerosas onde, há poucos lustros,

floresciam as religiosas como desabrocham as flores no jardim.

Em 1972 se concederam estas dispensas: Itália, 495; Espanha, 494; Alemanha Federal, 136; Irlanda, 125; Holanda, 123. Na América a rota é bem parecida. Nos Estados Unidos, 2.204; Canadá, 601; Brasil, 415; Colômbia, 174; México, 163; Argentina, 153.

Leve-se sempre em consideração quando se fala de dispensa que não se contou aqui o número das religiosas que abandonaram a vida religiosa depois de emitidos os votos temporais ou se ligaram à Congregação por outros vínculos ou pronunciaram outras promessas temporais. Por isso se deveria perguntar: Quantas, de direito, abandonaram a vida religiosa, se acrescentarmos as que tinham laços temporais também as religiosas que haviam professado perpétua e/ou solenemente?

5. Apesar de todos os pesares, brilham muitos raios de esperança. As religiosas de hoje e de amanhã poderão ser menos em número, porém, viverão mais conscientemente sua consagração, realizar-se-ão melhor na vida religiosa, renderão mais para a Igreja. Nem sempre o número é tudo. A seleção e a preparação são fatores que se contam em todos os níveis. Esta parece ser a meta a que aspira a Igreja com relação a todas as religiosas.

# LIVROS NOVOS

**APRENDER EM RIMAS**, Henriqueta Maria de Paola Bortolotti. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 196.

O subtítulo do livro explica: São subsídios para comemoração das datas cívicas nas escolas de ensino fundamental.

São em número bem elevado as datas cívicas cuja comemoração é encarada nas escolas de ensino fundamental. Grande é a dificuldade das professoras em coletar ou criar material alusivo a estas datas. Este livro, destinado às professoras e aos alunos das quatro primeiras séries (e Jardim de Infância), escrito pela Professora de teatro infantil nas Escolas Municipais de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, pode ser muito útil.

Reproduz em versos os ensinamentos essenciais a cada acontecimento. Os versos são muito simples, com vocabulário de criança. Recitando-os de cor, em público, ainda que apenas para seus colegas, a criança exercita a memória; aprende a falar em público, aperfeiçoando dicção e entonação. De-

envolve a mímica e a coordenação dos gestos. Aprende em uma palavra a enfrentar um auditório.

Além disso, há uma sugestão de desenho para cada uma das datas a comemorar. Poderá servir de ilustração da primeira página da prova mensal ou semestral. O livro pode dar à professora tudo prontinho. Poderá também ser apenas um veículo de idéias para ela mesma criar seu material comemorativo, mais adequado aos costumes e mentalidade de seus alunos.

**ANÁLISE DE SISTEMAS E GERÊNCIA DE OPERAÇÕES**, Richard J. Hopeman. Tradução do original norte-americano **Systems Analysis and Operations Management**, de Vitor Kameyama. Ano 1974. Páginas 400.

Livro riquíssimo de informações e de inestimável importância para administradores, bem como para estudantes e profissionais da área de sistemas. Analisa com profundidade e tentando levar sempre o leitor para o campo prático,

numerosas e controvertidas aplicações do conceito de sistemas no terreno da gerência de operações.

Toda uma parte do livro é dedicada aos conceitos gerais da área dos sistemas, ao conjunto ambiental da empresa, à empresa como sistema e ao projeto de sistemas. Outra parte mostra como restringir o escopo sistêmico ao projeto de sistema e à análise de sistema, enquanto aplicados à gerência de operações da rede de fluxo de materiais. Explora, além disso, os impactos e desafios do conceito de sistemas em face a tipos clássicos e neoclássicos de organização e gerência.

Mostra os quatro subsistemas de informações no quadro da rede de fluxo de materiais, explorando os vários modelos de decisão. Analisa, também, como o conceito já tem sido aplicado, com sucesso, nos sistemas telefônicos, elétricos, de espaço aéreo, etc. Contém ampla bibliografia.

Richard J. Hopeman é professor da Universidade de Syracuse. Escreveu inúmeros artigos em revistas especializadas bem como outros livros, entre os quais: **Production: Concepts-Analysis-Control**. Tem sido convidado para coordenar inúmeros programas de desenvolvimento e foi **Diretor de Projeto**, num importante trabalho feito para a NASA, sobre Sistemas de Gerência.

**CRISTO, NÓS TE ENCONTRAMOS**, Centro de Pastoral Catequética (CEPAC). Diocese de Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1974. Páginas 62.

Este é o livro do aluno. Com o mesmo título o CEPAC tem o livro do mes-

tre. O Centro de Pastoral Catequética de Nova Iguaçu já publicou as seguintes obras:

**SOMOS CRIANÇAS ALEGRES**, livro do aluno e livro do mestre, em quarta edição. Temas catequéticos que se destinam à formação religiosa de crianças que começam o período de escolarização. A finalidade da obra é fazer com que as crianças descubram aos poucos o mundo que Deus lhes está criando e lentamente se iniciem na vida cristã. O livro não pretende fornecer muitos elementos de doutrina, mas apenas levar a um primeiro contato com o mundo de Deus.

**QUEM ÉS TU, SENHOR?**, livro do aluno e livro do mestre, em oitava edição. Iniciação à primeira eucaristia que tem como parte central a apresentação da figura de Cristo e dos sacramentos. Trata-se de uma obra de evangelização. As crianças têm, com este livro, o primeiro contato com os temas centrais da vida cristã. Obra adotada em numerosas escolas católicas e grupos de catequese paroquial. Há uma insistência na vivência em grupo, na vida de equipe, na vida comunitária.

**CRISTO, NÓS TE ENCONTRAMOS**, livro do aluno e livro do mestre, em primeira edição. Aprofundamento destinado às crianças que já fizeram a primeira comunhão. São abordados temas do Novo Testamento.

**ESTAMOS CRESCENDO**, livro do aluno e livro do mestre, em terceira edição. Plano de evangelização que se destina aos pré-adolescentes. A idéia central é a do crescimento. Os temas iniciais visam fazer com que as crianças tomem consciência das mudanças

que lhes advêm com a idade. Outros temas abordam a solidariedade, os valores. Cristo e os valores, os apelos do mundo de hoje e da Igreja.

**PRÁ FRENTE, CAMINHEMOS**, livro do aluno e livro do mestre. É a história da Salvação, história do povo de Israel, do povo de Deus. A última lição aborda João Batista que faz a ligação com o novo povo de Deus.

**FOTONOVELA E INDÚSTRIA CULTURAL**, Angelúcia Bernardes Habert. Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 144. Estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões.

Este é o primeiro livro publicado no Brasil sobre fotonovela. Apesar do seu parentesco com os quadrinhos, que já dispõem de ampla literatura crítica, a fotonovela continua à margem do interesse dos eruditos. Entretanto, o seu mero aspecto quantitativo — milhares de leitores assíduos na América Latina, inclusive no Brasil, e na Europa — já seria razão suficiente para incluí-la na preocupação dos intelectuais.

Trata-se aqui de um estudo detalhado da fotonovela sob diversos aspectos: o editorial, o sociológico, o psicológico, o industrial, aprofundando sobretudo o seu enfoque como cultura de massa, sua linguagem e o conteúdo de suas mensagens. Um livro de grande utilidade para estudantes, professores e profissionais das áreas de comunicação, literatura e sociologia.

A autora é formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, com mestrado pela Universidade de São Paulo. Trabalhou como socióloga da Coordenação do Fomento ao Artesanato e foi professora da História da Arte na Escola de Dança e de Teatro da UFBA. Atualmente aperfeiçoa seus estudos no Departamento de Sociologia e Antropologia na Universidade de Waterloo, Canadá.

**O EVANGELHO SEGUNDO MARCOS**, Coleção Novo Testamento. Comentário e Mensagem. Volume 2/2. Tradução do original alemão **Das Evangelium Nach Markus**, 2, por Frei Edmundo Binder, OFM.

O **NOVO TESTAMENTO**, comentário e mensagem, de Wolfgang Trilling e outros, sob a responsabilidade da Editora Vozes, será uma obra que terá um total de 28 volumes. Um grupo de exegetas do mais alto gabarito toma aqui como ponto de partida, o próprio texto inspirado e o aplica à vida diária do cristão. Não se trata de comentários científicos e sim, de meditações para a vida espiritual, sem entretanto negligenciar o que de melhor e de mais sólido tem trazido a ciência exegética para a compreensão e atualização dos textos.

**O ENSINO ÉTICO DE JESUS E OS PROBLEMAS MODERNOS**, Josef Blank e Gisela Uellenberg. Tradução do original alemão **Weiss Jesus mehr vom Menschen?** de Frei Apolônio Weil, OFM. Editora Vozes, 1974. Páginas 76.

Neste livro são discutidos, em forma de diálogo, vários temas palpitantes que envolvem problemas humanos e existenciais de extrema importância. Visa-se, sobretudo, buscar, através de uma sincera reflexão crítica, a verdade a respeito de Cristo e de seus ensinamentos éticos com relação à vida e à realidade humana.

Daf o centro da questão: será que Jesus Cristo possuía um conhecimento realmente superior ao dos homens, de forma a dar-lhes normas de comportamento moral e de relacionamento humano capazes de resolver, em todas as épocas, os seus problemas sociais? Será que seu ensinamento é realmente decisivo na vida dos homens?

A Igreja traduz com fidelidade a figura e o pensamento de Cristo em suas leis e em sua prática, ou ambos precisam de uma séria revisão crítica? As falhas, muitas vezes notadas na prática, provêm da fé dos cristãos, ou são as próprias normas do Novo Testamento que estariam superadas

Nesta entrevista passam em resenha perguntas que às vezes nos fazemos e cuja resposta, talvez, há muito tempo buscamos ansiosamente. Eis um livro cuja leitura tem realmente notável valor prático para todos, de modo particular para os que desejam uma visão da vida, realmente consciente, dirigida por princípios que garantam um comportamento ético e social digno do homem e do cristão.

Josef Blank é professor de teologia neotestamentária e teologia católica na Universidade de Saarbrücken. Laureado em teologia. Gisela Uellenberg jornalista independente em Munique, laureada em filosofia.

**DESCOBRIMOS O AMOR DE JESUS,** Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, CNBB, Departamento Regional Nordeste I (Maranhão). Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 136.

Fruto de vasta experiência de catequese no meio infantil, vivida por várias equipes de catequistas, professores e sacerdotes, este livro merece destaque. São planos de aula, mas segundo uma pedagogia bem diferente de quase tudo o que se conhece na escola oficial. Sua meta é encaminhar a criança a uma adesão alegre com Cristo, através da interpretação, a seu nível, das coisas belas da vida e da natureza.

Cada aula é centrada numa mensagem: a mensagem das flores, a mensagem das folhas, a mensagem da casa, a mensagem da mãe, da lâmpada, da rede, da porta, da semente, etc. Cada mensagem exige uma atitude e um jogo. O material usado para cada aula se encontra no jardim, no quintal, dentro de casa. São as coisas da vida de cada dia. Ao término de cada série de certo número de aulas é organizada uma celebração em que as mensagens anteriores são recordadas e em que certa atitude teatral motiva a criança a uma adesão mais consciente.

Método moderno, inovador, de atitudes positivas, sem moralismo superficial, sem qualquer exigência material que não esteja ao alcance das mais pobres escolas e igrejas do nosso interior. Um livro que não poderá faltar em nenhuma escola, em nenhuma paróquia, em nenhuma capela e que será um roteiro firme nas mãos de nossos catequistas e pais cristãos.

**QUESTIONAMOS A PSICANÁLISE E SUAS INSTITUIÇÕES**, Coleção de estudos de vinte e quatro autores. Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 264. Tradução do original espanhol **Cuestionamos**, por Kátia do Prado Valladares.

Neste livro interessante e de profunda atualidade, vinte e quatro analistas de prestígio, de diversas gerações e diferentes níveis profissionais, **questionam**, isto é, fazem uma crítica frontal à psicanálise. Se bem que muitas vezes forte e sem medidas, a crítica é construtiva, pois nenhum deles pretende abandonar ou destruir a psicanálise, porém, sublinhar o que ela contém de mais valioso e conciliável com as necessidades de uma sociedade que evolui.

A psicanálise, por força da pressão dos acontecimentos históricos, da emergência das novas gerações e também pela sua própria evolução interna, chegou a um ponto de profunda crise que, para muitos analistas se manifesta como alarmante. A crítica que aqui se faz, no dizer dos próprios autores, tem por finalidade libertar a Análise de seu atual anquilosamento e preciosismo, a fim de que sobreviva como ciência. Livro recomendado aos estudiosos e profissionais da psicologia e psicanálise.

**MANUAL DE SIMULAÇÃO E JOGO**, Richard F. Barton. Tradução do original norte-americano **A Primer on Simulation and Gaming**, por Roberto Adler. Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 288.

Este livro é uma introdução didática à técnica de simulação e jogos, para as profissões administrativas, as ciências do comportamento, para a educa-

ção, etc., não utilizando necessariamente o computador. Se o leitor conhece alguma linguagem de computador, as técnicas aqui expostas poderão, entretanto, ser úteis para que ele possa empreender simulações homem-computador ou computadorizadas.

Para os que não pretendem executar simulações, o livro será igualmente muito útil, uma vez que oferece elementos para que o leitor possa compreender o que está acontecendo quando outros "simulam" ou "jogam". A simulação e jogos estão cada vez mais sendo utilizados na administração, em todo tipo de treinamento e na maioria dos planos e projetos antes que sejam postos em operação ou em produção.

Daí a importância deste livro, que contém inúmeros exemplos, casos práticos, grande quantidade de informações teóricas, e que pode ser utilizado em salas de aula ou nas próprias empresas como manual de treinamento. O autor é Diretor de Planejamento e Análises e Professor de Administração e Ciência do Computador na Texas Tech University, EUA.

**JESUS CRISTO E A REVOLUÇÃO NÃO-VIOLENTA**, André Trocmé. Tradução do original francês **Jésus-Christ et la Révolution non violente**, de José Almiro de Andrade, OFM. Vozes Petrópolis. Ano 1974. Páginas 268.

Procurando saber se Jesus era realmente um violento ou um não-violento, o autor viu surgir, de suas leituras e meditações sobre o evangelho, o retrato de um revolucionário capaz de salvar o mundo sem usar a violência.

É o entusiasmo desta descoberta que ele pretende compartilhar com os seus leitores. Os dezesseis capítulos do livro se dividem nitidamente em três partes: a primeira contém um estudo e uma pesquisa minuciosa que procuram reencontrar o ângulo social e revolucionário do testemunho bíblico, no seu conjunto.

A segunda parte estuda as correntes de resistência, violentas ou não, que agitavam o povo judeu no tempo de Jesus. Enfim, o autor descreve o choque entre a revolução não-violenta, proclamada por Jesus, e os defensores, judeus ou romanos, das instituições em voga. O último capítulo do livro coloca, um em frente do outro, Jesus e Gandhi. Gandhi, que não era cristão, demonstrou que o Sermão da

Montanha — considerado muitas vezes utópico pelos próprios cristãos — pode resolver o problema das relações entre os grupos humanos.

O livro contém outras interessantes conclusões históricas, sociológicas, antropológicas e religiosas, que surge ao longo de sua minuciosa pesquisa. Recomenda-se a sua leitura a todos os cristãos, preocupados com problemas de interpretação bíblica, aos sociólogos, historiadores, antropólogos e também àqueles que amam a paz e a não-violência.

O autor, recentemente falecido, era um pastor protestante francês, muito conhecido na Europa pela sua luta tenaz em favor daquilo que ele chamou a revolução não-violenta.

**ASSIMILAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS JAPONESES NO BRASIL**, Hiroshi Saito e Takashi Maeyama. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 5560.

Não é apenas aos milhares de japoneses e aos mais numerosos ainda descendentes de japoneses do Brasil que este livro val interessar. O grande valor científico, os métodos utilizados, o teor exaustivo da pesquisa, os diversos modelos de trabalho de campo e de teorização de seus resultados, fazem deste livro uma obra de consulta a todo estudioso de sociologia, de antropologia e de problemas brasileiros em geral.

Coligindo o que de melhor se escreveu sobre o processo migratório, a formação histórica, a estrutura sócio-econômica, a estrutura simbólica, a aculturação e a mobilidade dos japoneses do Brasil, os autores nos dão uma idéia completa desses diversos processos,

desde o seu início até a sua atual configuração.

Uma parte complementar do livro faz o estudo comparativo da aculturação dos alemães e japoneses no Brasil, dos japoneses do Brasil e do Peru e analisa o problema cultural dos nisseis.

**Crédito-**

Aceites cambiais, empréstimos e financiamentos, refinanciamentos através do PIS, FINAME, FIPEME, FIMACO, empréstimo em moeda estrangeira, avais e garantias, leasing, crédito direto ao consumidor.

**Distribuição e venda -**

Letras de câmbio, certificado de depósito a prazo fixo, fundos de investimentos, ações e debêntures, incentivos fiscais, títulos governamentais.

**Investimentos -**

Emissão e registro de títulos, administração de valores, custódia de títulos, participação acionária, underwriting, administração de fundos de investimento, operações em bolsas de valores, certificado de depósito de valores mobiliários em garantia.

**O Denasa  
presta todos  
os serviços  
de um banco de  
investimento.  
E está entre os  
10 grandes.**

O Banco Denasa tem uma equipe de técnicos pronta para oferecer a você a melhor solução.

Especialistas no mercado de capitais, fazem um atendimento rápido e eficiente de todos os serviços de um banco de investimento.

Na hora de escolher, pense grande. Escolha um dos 10 maiores. O Denasa, por exemplo. O do atendimento especial:

**Conselho de Administração**

*Presidente*  
Juscelino Kubitschek de Oliveira  
*Conselheiros*  
Lucas Lopes  
Baldomero Barbará Filho  
Louis Steuerman  
Luiz G. de Souza Lima  
Victor Nunes Leal  
Fernando Geraldo Simonsen  
Mme. Liliane V. Schneider

**Diretoria Executiva**

*Presidente*  
Baldomero Barbará Neto

**Vice-Presidentes**

Rodrigo P. de Pádua Lopes  
Rodolfo E. Antici  
Carlos Alberto Mendes  
Henrique Souza Lima

**Diretores**

Roberto Lima Neto  
Lúcio Santos Pereira  
Marcos Milliet  
José Guilherme Padilha  
Cel. Mucio Scorzelli

**Diretoria Adjunta**

Carlos Murilo F. dos Santos  
Wladimir Rioli  
Júlio Rego  
Evandro F. Paiva

**Banco Denasa de Investimento S.A.**



Denasa - Desenvolvimento Nacional S. A.  
Crédito, Financiamento e Investimentos  
Denasa S. A. - Corretora de Títulos e Valores Mobiliários  
Denasa Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S. A.  
Denasa Leasing S. A.  
Denasa Marketing e Comunicação Ltda.  
Denasa Sistemas e Métodos S. A.  
Denasa Imobiliária S. A.  
Denasa São Paulo Corretora de Valores Mobiliários e Câmbio Ltda.  
Denasa Corretora de Seguros Ltda.

Rio de Janeiro - Rua da Alfândega, 28 - Tel.: 244-5022  
São Paulo - Rua da Consolação, 368 - Tels.: 256-8696 - 256-7880  
Belo Horizonte - Av. Augusto de Lima, 150 - Tel.: 26-9751 e  
Av. Amazonas, 311 - 7º andar - Tel.: 22-1577  
Brasília - Edifício Gilberto Salomão - Setor Comercial Sul - Bloco M  
Lojas 3 e 6 - Tels.: 24-8609 - 24-9609  
Porto Alegre - Rua dos Andradas, 1332 - 2º andar - Tel.: 24-1140